



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**JACKELINE MENDONÇA DE LIRA FERREIRA  
JOANI DE MELO GONÇALVES  
SÉRGIO PESSOA DE LIMA MARQUES**

**FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE  
SINAIS DE CRIANÇAS SURDAS**

João Pessoa – PB  
2013

JACKELINE MENDONÇA DE LIRA FERREIRA  
JOANI DE MELO GONÇALVES  
SÉRGIO PESSOA DE LIMA MARQUES

**FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE  
SINAIS DE CRIANÇAS SURDAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Pedagogia da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito para a obtenção do  
título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Msc.<sup>a</sup> Maria Deborah Cabral de Sousa

João Pessoa – PB  
2013

JACKELINE MENDONÇA DE LIRA FERREIRA  
JOANI DE MELO GONÇALVES  
SÉRGIO PESSOA DE LIMA MARQUES

**FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE  
SINAIS DE CRIANÇAS SURDAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em: 25 de abril de 2013

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Prof.<sup>a</sup> Msc.<sup>a</sup> Maria Deborah Cabral de Sousa**  
Universidade Federal da Paraíba – DEMIE/CE/UFPB

---

**Prof.<sup>a</sup> Msc.<sup>a</sup> Alessandra Miranda Mendes Soares**  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFRSA

---

**Prof.<sup>a</sup> Msc.<sup>a</sup> Janaina Aguiar Peixoto**  
Universidade Federal da Paraíba – DLCV/CCHLA/UFPB

João Pessoa – PB  
2013

## DEDICATÓRIA

Dedicamos esta pesquisa a comunidade surda  
e aos familiares que contribuíram  
com nosso estudo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter sempre nos abençoado dando sabedoria, entendimento, abrindo nossos caminhos dando-nos oportunidade de alcançar nossos objetivos e sonhos.

A nossa orientadora Deborah Cabral por ter aceitado este desafio, contribuindo com seus conhecimentos. Pelos momentos descontraídos que tornou este estudo prazeroso. “As LIBRAS” tão mencionadas que nos arrancam gargalhadas sempre que lembramos.

Aos nossos professores do curso de Pedagogia, em especial a Carmen Sevilla, Fernando Andrade, Ana Dorziat, Osvaldo Anzolin, Sandra Santiago, por todos os seus ensinamentos, vocês contribuíram para chegarmos até aqui.

As professoras Alessandra Miranda e Janaina Aguiar pela disponibilidade de participar da nossa banca contribuindo com seus conhecimentos.

A escola e as famílias por terem sido solícitos fornecendo os dados e informações necessários para realização deste estudo.

## **Jackeline Mendonça de Lira Ferreira**

Ao meu amado esposo Richard por ser a minha inspiração. Por tornar meus dias mais alegres. Pela paciência e compreensão quando não pude estar presente. Por me ensinar mil vezes um sinal que nunca consegui fazer e dizer que eu sou a “melhor mundo” em fazê-lo. Enfim, por me fazer uma mulher feliz.

A minha mãe (Severina) por ter me criado como filha me dado carinho e contribuindo para que eu chegasse até aqui. Obrigada pelos sacrifícios realizados em razão da minha educação, por ter ficado ao meu lado sempre que precisei. Nós sabemos que não foi fácil. Muito obrigada!

A minha irmã nana pelos inúmeros puxões de orelha, que sempre soaram como incentivo, pelas longas conversas e aos seus sábios ensinamentos que sempre me fazem refletir.

Ao meu pai (em memória) e minha mãe, que apesar de não estarem tão presentes, me incentivaram a lutar pelos meus objetivos, enfrentando os obstáculos da vida.

Aos meus sogros e sogras: Wal e Kennedy, Ricardo e Aninha, por terem me acolhido com tanto amor em sua família, sempre preocupados e dispostos a ajudar. A mimina de todos os dias e o aconchego desse novo lar. Obrigado, vocês fazem parte desta Vitória!

A minha amada irmã Juliana por ser minha companheira, por estar comigo em todos os momentos, me apoiando e me dando força.

A minha amiga Juliana por se fazer presente em minha vida desde que eu me entendo por gente, vivenciado comigo momentos inesquecíveis.

A Bruna e Talline amigas que acompanharam de perto toda trajetória do curso. Obrigada pelos inúmeros sorrisos.

A Joani e Sérgio amigos e companheiros de pesquisa por fazer parte desta fase tão importante. Eu não conseguiria sem vocês!

A minha adorável intérprete Josy Castro por me apresentar ao incrível universo da surdez.

Ao meu amigo surdo Gabriel Brito que tanto admiro. Obrigado por fazer parte da minha vida e por ter me ensinado a falar com as mãos.

A todos os meus amigos surdos, em especial a Tamara, Alexandre e Thiago por juntos compartilharmos de momentos tão descontraídos, divertidos e agradáveis.

## **Joani de Melo Gonçalves**

Ao meu amado esposo Johnny, que é a pessoa mais incrível e compreensível que já conheci. Obrigada por está comigo sempre, me entendendo, me ajudando, aturando meus estresses, minhas ausências e acima de tudo me amando. Essa vitória é nossa;

Aos meus amados pais Nanan e Biu, que mesmo geograficamente distantes, na maior parte desse processo de formação, se fizeram presentes por meio das palavras de incentivos me compreendendo e apoiando sempre. A vocês devo o meu caráter, a minha força e vontade de vencer. Sou quem sou graças a vocês;

A meu irmão (em memória), por ter sido meu primeiro e grande incentivador pra que eu começasse essa caminhada. Sei que onde estiver, estarás feliz com a minha vitória;

A Vanderley e Fátima Brant, meus amigos, irmãos em Cristo e pastores, que nos mais diferentes momentos dessa trajetória me ajudaram e apoiaram das mais diversas formas: em oração, incentivo, auxílio e compreensão;

A minha sempre amiga não só de curso, mas de vida, Iara Silva, por tudo que representas e pelos vários momentos que podemos compartilhar. Aprendi muito com você;

As minhas amigas Patrícia Mendonça e Rayssa Maria, que com o passar do tempo se fizeram irmãs. Agradeço pelo privilégio de com vocês compartilhar e discutir as mais diversas experiências de inclusão e exclusão. Vocês são mil;

Aos meus amigos intérpretes de LIBRAS Irene Souza, Felipe Lira e José Neto por me ensinarem, até sem perceber, o quão enriquecedor e importante é movimentar as mãos para estabelecer comunicação com a pessoa surda;

A meu sempre professor de LIBRAS e amigo surdo, Maurício Simões. Não só pelos ensinamentos dos sinais, mas principalmente pelas reflexões a cerca da situação em que vive a pessoa surda na sociedade brasileira;

A todos que compõem meu local de trabalho (escola inclusiva), por juntos e com esforço tornarem a inclusão uma verdade que pode ser vivenciada. A caminhada é longa, mas estamos no caminho certo;

A todos os meus amigos surdos. Obrigada pela inspiração e por permitirem que eu seja mais uma no universo de vocês. Minhas mãos ainda não falam tudo,



mas sei que algo maior nos uniu e nos fazem iguais. Vocês são as principais peças desse trabalho. Conviver com vocês me torna privilegiada;

Por fim, e não menos importante, aos meus amigos e companheiros de pesquisa Jack e Sérgio. Se não fosse com vocês não teria dado tão certo. Acredito que essa junção já estava escrita desde o nosso primeiro período do curso. Obrigada pela paciência em aturar minhas ansiedades, vocês fizeram valer tudo aquilo que acredito ser um trabalho em equipe.

## **Sérgio Pessoa de Lima Marques**

A minha amada esposa Priscila (Nega), pessoa muito especial que sempre me dá muita força, apoio, incentivo e está sempre do meu lado nas horas boas e ruins.

Ao meu amado filho Luan Lima pela criança maravilhosa que é e por suportar toda carga da minha rotina durante todo esse percurso.

Aos meus amados Pais Luiz Marques e Maria Dilene, que sempre deram o máximo pela educação de seus filhos, por serem os pais dedicados que sempre foram, pelo apoio dado sempre que preciso e por serem as pessoas maravilhosas que são .

Aos meus amados irmãos Júnior, Patrícia e Viviane pelo apoio, pela união e amizade que sempre tivemos uns com os outros.

Ao meu cunhado Adalmir que considero como um irmão pela nossa amizade e pelas boas conversas.

Ao meu primo Thyago Marques meu irmão de coração que nunca se esquece do primo velho de guerra.

Aos meus sogros Antônio e Luzinete o meu muito obrigado pelo apoio dado sempre que precisei.

As minhas amigas Jackeline Mendonça e Joani Melo pela amizade que construímos durante toda a trajetória do curso e principalmente por estarmos juntos nessa empreitada

Ao meu chefe profº Zaqueu Ernesto da Silva meu muito obrigado pelo apoio dado sempre que precisei.

A todos os amigos e amigas de curso pelos bons momentos que passamos durante todo esse tempo.

A todos os Técnicos Administrativos, Professores e Alunos do Centro de Energias Alternativas e Renováveis - CEAR da Universidade Federal da Paraíba pelo apoio e incentivo que sempre me deram.

E por fim agradeço a vida que nos dá oportunidade de vivenciar experiências fantásticas e inexplicáveis a cada dia.

*Quando aceito a língua de outra pessoa, eu  
aceitei a pessoa... A língua é parte de nós  
mesmos... Quando aceito a Língua de Sinais,  
eu aceito o surdo, e é importante ter sempre  
em mente que o surdo tem direito de ser surdo.  
Nós não devemos muda-los; devemos ensiná-  
los, ajuda-los, mas temos que permiti-lhes ser  
surdos...*

**(Terje Basilier, 1993)**

## LISTA DE SIGLAS

**BERA:** Brainstem Evoked Response Audiometry (Audiometria de Tronco Cerebral)

**BPC:** Benefício de Prestação Continuada

**CBPAI:** Comitê Brasileiro sobre Perdas Auditivas na Infância

**(CM):** Configuração de Mãos

**D.C:** district of columbia (Distrito de Columbia)

**FUNAD:** Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência

**(FN):** Falantes Nativos

**(FT):** Falantes Tardios

**INES:** Instituto Nacional de Educação de Surdos

**INSM:** Instituto Nacional de Surdos-Mudos

**LIBRAS:** Língua Brasileira de Sinais

**(LM):** Língua Materna

**(M):** Movimento

**(O):** Orientação

**(OSV):** Objeto – Sujeito – Verbo

**PA:** Ponto de Articulação

**PB:** Paraíba

**(PL):** Primeira Língua

**(SOV):** Sujeito – Objeto - Verbo

**SUS:** Sistema Único de Saúde

**(VO):** Verbo - Objeto

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 01</b> – Figura 1: Alfabeto Manual do surdo.....	25
<b>Ilustração 02</b> – Figura 2: Estrutura Metodológica.....	38
<b>Ilustração 03</b> – Gráfico 1: Distribuição quanto a Idade.....	43
<b>Ilustração 04</b> – Gráfico 2: Distribuição quanto o Grau de Instrução.....	44
<b>Ilustração 05</b> – Gráfico 3: Estado Civil das Entrevistadas.....	44
<b>Ilustração 06</b> – Tabela 1: Distribuição por número de filhos.....	45
<b>Ilustração 07</b> – Gráfico 4: Distribuição por Religião.....	45
<b>Ilustração 08</b> – Tabela 2: Distribuição quanto o salário.....	46
<b>Ilustração 09</b> – Gráfico 5: Distribuição quanto o local de domicílio.....	46
<b>Ilustração 10</b> – Gráfico 6: Período entre a descoberta da surdez e início da aquisição da LIBRAS.....	47

## RESUMO

A linguagem se configura como o principal meio de comunicação e interação entre as pessoas nas mais diferentes culturas, civilizações e organizações sociais. A família como primeiro agente socializador é o principal responsável por contribuições para aquisição da Língua de Sinais das crianças surdas, mas as dificuldades enfrentadas pelos familiares em aprender a LIBRAS, mostra-se como entrave para a comunicação dessas pessoas, tanto na família quanto no meio social. O objetivo desta pesquisa foi de investigar de que forma as famílias de crianças surdas estão contribuindo no seu processo de aquisição da Língua de Sinais, para isso foram entrevistadas sete famílias de crianças estudantes de uma escola pólo de inclusão, da rede municipal de ensino, da cidade de João Pessoa/PB. O estudo apartou-se na teoria sócio-interacionista de Vigotsky e Bakhtin por compreender que não é o organismo biológico que explica como ocorre o desenvolvimento da linguagem, mas sim as interferências sócio-históricas e culturais experimentadas pelo indivíduo. Para acessar os conteúdos expressos nas falas das famílias, optou-se por uma metodologia de pesquisa qualitativa, por compreender ser esta a mais apropriada para acessar um material de natureza subjetiva. No entanto, para traçar o perfil das famílias utilizou-se a pesquisa quantitativa. Percebeu-se que apesar dessas famílias demonstrarem preocupação de inserir seus filhos numa escola inclusiva e terem perspectivas positivas do futuro deles, não ficou evidente nesse estudo que essas famílias buscam meios favoráveis para propiciar que a Língua de Sinais possa ser apreendida a partir do meio familiar, uma vez que não estão inseridas na comunidade surda, resultando no atraso linguístico da criança e dificultando seu processo de desenvolvimento e interação social.

**Palavras-chave:** família de surdos, Língua de Sinais, interação social.

## **ABSTRACT**

The language is configured as the primary means of communication and interaction between people in different cultures, civilizations and social organizations. The family as a first socializing agent is responsible for the main contributions to the acquisition of sign language of deaf children, but the difficulties faced by families in learning LIBRAS, shows up as an obstacle to the provision of such persons in the family and in the middle social. The objective of this research was to investigate how the families of deaf children are contributing in the process of acquisition of sign language, for that were interviewed seven families of children students a school pole inclusion in João Pessoa city. The study is trimmed in socio interactionist theory of Vygotsky and Bakhtin to understand that is not the biological organism that explains how language development occurs, but the interference socio-historical and cultural experienced by the individual. To access the contents expressed in the speeches of the families, we opted for a qualitative research methodology, to understand that this is the most appropriate material to access a subjective nature. However, to profile families used the quantitative research. It was perceived that although these families show concern entering their children in inclusive school and have a positive outlook about their future, was not evident in this study that these families seek ways to provide favorable that sign language can be learned from the family since they are not inserted in the deaf community, resulting in delayed child's linguistic and hindering their development process and social interaction.

**Keywords:** Family deaf, sign language, social interaction.

## SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO ..... 17

**CAPÍTULO 1 – LINGUA DE SINAIS ..... 20**

1.1 – Breve Contextualização da Educação de Surdos ..... 21

1.2 – Estrutura da Língua Brasileira de Sinais ..... 24

1.3 – A Aquisição da Linguagem por Crianças Surdas ..... 27

1.4 – A idade Crítica para Aquisição da Linguagem ..... 29

**CAPÍTULO 2 – CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS, HISTÓRICAS E CULTURAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SURDA ..... 32**

2.1 – O Sócio-interacionismo de Vigotsky e Bakhtin ..... 32

2.2 – A Família Como Primeiro Espaço de Socialização da Criança ..... 36

**CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA ..... 38**

3.1 – Perspectivas Metodológicas da Pesquisa ..... 38

3.2 – Campo de Pesquisa e Participantes ..... 40

3.3 – Instrumentos de Pesquisa e Procedimentos ..... 40

3.4 – Análise dos Dados ..... 41

**CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E ANÁLISE ..... 43**

4.1 – PERFIL DAS FAMÍLIAS ..... 43

4.2 – INTERAÇÃO FAMILIAR ..... 48

4.2.1 – *A zuada não o incomodava* ..... 48

4.2.2 – *Eu não queria acreditar – Negação da realidade* ..... 49

4.2.3 – *Depois de um tempo...descobri! – Encarar a realidade é inevitável* ..... 50

4.2.4 – *A informação chegou* ..... 50

4.2.5 – *Ainda não sabíamos muito bem o que fazer* ..... 52

4.3 – UNIVERSO DA SURDEZ ..... 52

4.3.1 – *Que barulho é esse que estou sentindo?* ..... 53

4.3.2 – *De tudo nós tentamos* ..... 54

4.3.3 – *Nem tudo funcionava* ..... 56



4.3.4 – <i>E suas mãos começaram a falar</i> .....	56
4.3.5 – <i>Olhando assim não víamos nada</i> .....	57
4.3.6 – <i>Nós queremos ouvir sua voz na sociedade</i> .....	57
4.4 – AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS .....	58
4.4.1 – <i>Minhas mãos e minha cabeça estavam bloqueadas</i> .....	59
4.4.2 – <i>Ele me entende mais...</i> .....	60
4.4.3 – <i>Eu aprendo com ele</i> .....	62
4.4.4 – <i>Conhecendo onde eu posso aprender – Importância das instituições</i> ..	63
4.4.5 – <i>Respeitando o outro</i> .....	66
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>69</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>73</b>
➤ Questionário Sócio-Demográfico e Roteiro de Entrevista .....	73

## INTRODUÇÃO

Entende-se que a família é a base principal na formação de uma pessoa, cabendo a ela o dever de cuidar, apoiar, proteger e propiciar meios favoráveis para o desenvolvimento do mesmo. Gomes (1994) considera a família como um agente primário de socialização, onde cada uma delas possuem regras que regem o seu funcionamento. É no âmbito familiar, que as crianças desenvolvem junto aos parentes, aspectos afetivos, emocionais, cognitivos e intersociais, que contribuirão no modo como estes se situam e irão interagir no meio em que vivem.

Neste sentido o papel da família na formação do ser humano têm sido uma das temáticas mais atrativas para a sociedade, haja vista as mutações dos seus padrões históricos e culturalmente construídos. Desta forma, na contemporaneidade esta se faz plausível a discussões nas mais diversas áreas do conhecimento.

No contexto das ciências humanas e sociais cabe refletir a respeito de como a família tem encarado a surdez nas crianças que congregam junto a elas dos mesmos valores, práticas, costumes e mais minuciosamente como a mesma tem facilitado no processo de aquisição e apropriação da LIBRAS. Dessa forma, no contexto da realidade das famílias onde existem crianças surdas acrescenta-se a elas o dever da aprendizagem de uma língua própria, já que esta é a língua natural dessas pessoas, assegurada por lei, de forma que deve ser priorizada e difundida.

Visando promover uma boa interação entre o surdo, a família e a sociedade, a LIBRAS apresenta-se como a maneira mais adequada, entendida como a primeira forma de comunicação que a pessoa surda deve estabelecer com o meio (CHOMSKY, 1978), sendo através dela que o surdo constitui a plena comunicação. Entretanto, são notórias as dificuldades que as famílias têm encontrado ao lidar com seus membros surdos, principalmente no que se refere à forma de tratamento que a criança surda recebe no seio familiar, tendo em vista que o diálogo, nestes casos, se configura como uma barreira a ser rompida, ante a diferenciação da língua entre surdos e ouvintes.

Frente a essa forma de comunicação, entendida como desprovida de significação para essas pessoas, percebe-se que, as lacunas linguísticas sofridas pelos surdos na infância, acarretam problemas e dificuldades relacionados à interação social que poderão perdurar por toda a vida.

Diante do exposto a pergunta que se faz é: de que forma as famílias das crianças surdas, que na maioria são ouvintes estão contribuindo no processo de aquisição da Língua Materna, ou seja, a Língua de Sinais - LIBRAS?

Dessa forma, cabe investigar e analisar a respeito de como tem ocorrido o processo de difusão da LIBRAS no contexto familiar, levando em consideração alguns aspectos socioculturais, seu contexto social, acesso a informações, diagnóstico, forma de comunicação que é utilizada, entre outros, a fim de contribuir para melhor compreensão de como a família colabora no processo.

Sendo assim, esta pesquisa foi desenvolvida com familiares de crianças surdas, todas estudantes de uma escola pólo de inclusão da rede municipal de ensino localizada no bairro de Mangabeira na cidade de João Pessoa-PB. Considera-se a escolha dessas famílias baseada no entendimento de que todas tem conhecimento da Língua de Sinais, ainda que não façam uso da mesma e estão inseridas em espaços sociais de inclusão, informação e aprendizagem, no caso a escola.

A escolha pelo tema sobre a família e suas contribuições no processo de aquisição da Língua de Sinais de crianças surdas, surgiu através dos estágios proporcionados pelo curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Essas experiências permitiram um contato direto com alunos surdos, de maneira que sentiu-se a necessidade em conhecer a respeito da sua cultura. A partir da convivência com eles, percebeu-se suas angústias e anseios, principalmente no que faz alusão as dificuldades experimentadas no cotidiano relacionadas à barreira linguística, haja vista que os surdos são usuários de uma língua de minorias. Essa constatação gerou uma inquietação sobre como acontece o processo de aquisição da linguagem dentro do contexto familiar, visto que é nele que se dão as primeiras relações de interação e comunicação, porém, na maioria dos casos, não é no âmbito familiar que a criança tem acesso a sua língua natural.

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo investigar como as famílias têm contribuído no processo de aquisição da Língua de Sinais de crianças surdas em seu meio familiar, mais especificamente: Analisar a comunicação utilizada pelos pais com a criança surda; Investigar a disponibilidade da família para o aprendizado da Língua de Sinais; Analisar o intervalo de tempo entre o diagnóstico e a iniciação da aquisição da Língua de Sinais; Constatar a dificuldade dos pais na obtenção da Língua de Sinais; Verificar quais instituições oferecem o ensino da LIBRAS para a

comunidade e sua facilidade de acesso; e apontar possíveis efeitos quanto a aquisição precoce da Língua de Sinais no desenvolvimento de crianças surdas.

Na busca pelas respostas às questões desse estudo, o trabalho foi estruturado de forma que o referencial teórico, contemplado no primeiro e segundo capítulos, trouxe contribuições para compreender a Língua de Sinais e como as interações sociais influenciam na construção e desenvolvimento da linguagem para autonomia da pessoa surda. No primeiro capítulo fez-se uma contextualização histórica sobre a educação de surdos e uma breve abordagem sobre a Língua de Sinais mostrando sua estrutura gramatical e a idade crítica para a aquisição da língua. No segundo capítulo abordou as contribuições sociais, históricas e culturais para o desenvolvimento da criança surda, à luz do sócio-interacionismo de Vigotsky e Baktin e foi feita uma reflexão teórica sobre a família como primeiro espaço de socialização da criança.

A metodologia foi contemplada no terceiro capítulo, trazendo as perspectivas metodológicas da pesquisa, as informações sobre o campo de pesquisa e participantes, os instrumentos que foram utilizados na investigação e os procedimentos utilizados nas análises dos dados.

Os resultados e análise, conforme mostrados no quarto capítulo, foram organizados traçando o perfil das famílias participantes e construindo três categorias que ajudaram identificar e compreender as contribuições da família na aquisição da Língua de Sinais, quais sejam: a primeira, que se chama *Interação Familiar* é um momento que se faz uma análise sobre os anseios, negações, frustrações e conformações das famílias ao descobrirem a presença da surdez em seus filhos; A segunda categoria denominada *Universo da surdez* traz análises referentes as mais variadas formas de ouvir e sentir o mundo experimentados pelo surdo e a terceira e ultima categoria, traz uma análise sobre a *aquisição da Língua de Sinais*.

## CAPÍTULO 1 – LÍNGUA DE SINAIS

A língua natural das comunidades surdas são as Línguas de Sinais. Essas línguas não são simplesmente gestos aleatórios e mímicos, como muitas pessoas pensam, que os surdos só a utilizam como forma de melhorar sua comunicação. Ao contrário, possuem regras gramaticais e estruturas próprias. Uma pessoa que entra em contato com a Língua de Sinais, irá aprender uma língua como o inglês, espanhol, alemão, ou qualquer outra. No entanto, sua modalidade visual-espacial é o que a diferencia dessas demais línguas.

A Língua Brasileira de Sinais é a língua natural da pessoa surda no Brasil. Ela é reconhecida através da Lei nº 10.436/2002 que diz:

Art.1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS a forma de expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

O artigo primeiro reconhece a LIBRAS como meio de comunicação ou de expressão a ser utilizado pelas pessoas surdas, mas somente no parágrafo único do mesmo artigo, que lhe é conferida o status de uma língua, com recursos e estrutura gramatical própria e é a comunidade surda responsável por preservar sua cultura, sua língua e direitos.

A Língua Brasileira de Sinais é reconhecida no Brasil desde 2002, porém ainda continua sendo desconhecida ou até mesmo ignorada pela maioria dos brasileiros, de forma que ela é considerada por muitos meros gestos ou mímicas.

Para uma compreensão adequada da estrutura da LIBRAS e de como vem acontecendo o processo de educação de pessoas surdas no decorrer dos tempos faz-se necessário uma breve contextualização.

## 1.1 – Breve Contextualização da Educação de Surdos

Ao investigar o processo histórico da luta pelo direito ao uso da Língua de Sinais enfrentado pelos surdos em todo o mundo, verifica-se que este é marcado por diversos momentos de opressão, proibição, discriminação e preconceito, originando em uma tradição de negação ao uso dos sinais. É preciso atentar para essas questões históricas, para assim compreender a situação do surdo quanto ao uso dos sinais, já que são nos caminhos da história que se acham respostas a questões essenciais no esclarecimento e contextualização do atual cenário da Língua de Sinais.

É necessário aproximar-se da cultura surda para poder compreender sua existência e para isso é preciso deixar de lado todos os preconceitos que a ela são atribuídos e um passo essencial é conhecer a história e as filosofias educacionais do povo surdo de forma que se possa entender como essas pessoas foram tratadas ao longo do tempo.

Na antiguidade os surdos eram vistos de forma negativa, como pessoas que não podiam ser educadas, eram tratados como seres enfeitiçados e castigados pelos deuses, dignos de piedade e compaixão, ou de forma mais desumana eram abandonados pela família e até sacrificados. Aqueles que nasciam fora dos padrões da normalidade em algumas sociedades como Roma, por exemplo, onde prevalecia o espírito guerreiro, existia a prática do sacrifício para aqueles que nasciam com algum tipo de deficiência, fosse ela física ou mental. Nessas sociedades os surdos eram vistos como improdutivos e inúteis, eram marginalizados e tidos como anormais.

No século XVI, na Europa encontram-se, com mais facilidade, registros a respeito da educação para surdos com métodos mais direcionados. Segundo SAMPAIO (2007), Joran Conrad Amman desenvolveu o método de leitura labial, que está diretamente relacionado ao treino da observação dos movimentos dos lábios no momento da produção da fala em associação com os sons da fala.

De acordo com SOARES (1999), um médico, matemático e inventor de um método para ensinar pessoas surdas a ler e a escrever chamado Gerolamo Cardano que viveu entre 1501 a 1576, afirmava que o surdo tinha a capacidade de aprender

a escrita da língua oral, pois esta seria a representação da fala e defendeu que os surdos deveriam aprender a língua labial e a escrita.

Foi no início do século XVI que surgiram os primeiros educadores de pessoas surdas. O monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1510 – 1584) criou uma escola de professores de surdos, ele foi um importante educador e utilizava como metodologia de ensino a datilologia – que é a representação manual das letras do alfabeto – a escrita e a oralização. SOARES (1999) diz que o monge primeiro ensinava escrita de nomes de objetos e só depois ensinava o surdo a falar.

Esta preocupação educacional de surdos deu lugar às aparições de numerosos professores que desenvolveram, simultaneamente, seus trabalhos com os sujeitos surdos e de maneira independente, em diferentes lugares da Europa. Havia professores que se abocavam na tarefa de comprovar a veracidade da aprendizagem dos sujeitos surdos ao usar a Língua de Sinais e o alfabeto manual e em muitos lugares havia professores surdos (STROBEL, 2006, p. 248).

O século XVIII é considerado um dos períodos mais férteis no que diz respeito à educação de surdos, pois foi nessa época que o monge francês Charles Michel de L'Épée criou os Sinais Metódicos combinando a Língua de Sinais com a gramática sinalizada francesa, ou seja, o monge francês criou o método visual-gestual com o objetivo de ensinar o surdo a ler e escrever. Para ele, como o surdo não conseguia estabelecer uma comunicação com o professor, ele não aprendia, no entanto observou que conseguiam se expressar usando as mãos. SOARES (1999) diz que esse método consistia na comunicação com o surdo através de gestos, com o intuito de instruir o surdo de maneira rápida. Nessa época teve um aumento significativo do número de escolas e consequentemente do ensino da Língua de Sinais. Em contrapartida os surdos podiam aprender e dominar vários assuntos e em consequência exercer várias profissões.

Em 1815, nos Estados Unidos, o pesquisador Thomas Hopkins Gallaudet faz uma adaptação para o inglês da Língua de Sinais francesa e em homenagem ao pesquisador, foi fundada em 1864 a primeira universidade para surdos do mundo chamada Universidade Gallaudet, localizada em Washington, D.C., a capital dos Estados Unidos da América.

A oposição à Língua de Sinais vinda dos que defendem e apoiam o oralismo, na sexta década do século XIX aumenta e ganha força. Anos depois, em 1880

aconteceu na Itália o Congresso Internacional de Educadores de Surdos em Milão, durante este evento a Língua de Sinais foi proibida causando uma mudança repentina na educação de surdos, ou seja, uma reviravolta. Segundo SOARES (1999); SAMPAIO (2007), a partir dessa prática, alega-se que só após aprender a falar é que a pessoa surda terá capacidade de aprender os conteúdos escolares. Mesmo assim, os sinais não foram eliminados totalmente e o atendimento a essas pessoas ficou restrito a filantropia, onde as famílias entregavam seus parentes surdos em regime de internato a asilos e instituições. Daí em diante a educação dessas pessoas é marcada por três concepções: a oralização; a comunicação total e o bilinguismo.

Mesmo com muitas tentativas de tirar os surdos do anonimato durante o século XX, diante dos discursos científicos e principalmente porque a visão clínica olhava a surdez como uma patologia, o ouvintismo ganhou mais força. Só a partir da década de 1960 com a publicação da obra de William Stokoe - *Estrutura da Língua de Sinais: Um Esboço do Sistema de Comunicação Visual de Surdos americanos* - a sociedade começou a olhar de maneira diferente para as pessoas surdas.

A partir dessa publicação surgiram diversas pesquisas sobre a Língua de Sinais e sua aplicação na educação e na vida do surdo, que aliadas a uma grande insatisfação por parte dos educadores e dos surdos com o método oral, deram origem à utilização da Língua de Sinais e de outros códigos manuais na educação da criança surda. (GOLDFELD, 2002, p.28)

No Brasil a educação de surdos teve início quando Dom Pedro II trouxe da França na época do segundo império o professor surdo Hernest Huet em 1857, para fundar o Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INSM), que atualmente é conhecido por Instituto Nacional de Surdos (INES) e que foi a primeira escola para surdos do país.

De acordo com SOARES (1999), após o Congresso de Milão que aconteceu em 1880, teve um esforço pela adoção do oralismo no Instituto vindo das pessoas responsáveis pela educação de surdos no Brasil. Eles afirmavam que a população brasileira não era alfabetizada e que tudo que fosse ensinado ao surdo referente escrita seria perdido. Devido a esses esforços, no início do século XX, mais precisamente em 1911 aqui no Brasil foi determinada a utilização do oralismo puro. Só a partir de 1970 essa situação começou a mudar com os estudos sobre a



Comunicação Total, que chegou ao Brasil com a visita da pesquisadora e educadora de surdos Ivete Vasconcelos da Universidade de Gallaudet, Estados Unidos e envolve várias ferramentas linguísticas, como, língua oral, Língua de Sinais, fala, alfabeto manual, leitura labial, leitura escrita, entre outros.

Nas décadas seguintes, nos anos de 1980 passou a ser difundido no Brasil o bilinguismo a partir das pesquisas da professora Lucinda Ferreira Brito sobre a Língua de Sinais, em 1994 foi proposta por ela a abreviação LIBRAS para esta língua, que por sua vez significa Língua Brasileira de Sinais.

Nesse contexto a LIBRAS passa a ser a língua natural do surdo no Brasil, ou seja, sua língua materna, reconhecida pela Lei nº 10. 436/2002. Enquanto o português que é a língua oficial do país passa a ser a sua segunda língua.

Ainda que a educação para surdos seja muito discreta e não atinja toda população surda é importante ressaltar que já conta-se com muitas classes especiais, espaços educacionais para surdos, salas de recursos, instituições e fundações espalhadas pelo país que dão apoio a essa comunidade que vem sendo discriminada pela sociedade ao longo do tempo.

## **1.2 – Estrutura da Língua Brasileira de Sinais**

Há um erro comum e constante de pensar a Língua de Sinais como mera pantomima ou mímica. De acordo com GESSER (2009), Isso pode ser compreendido, devido ao fato de que, mesmo com o seu reconhecimento linguístico marcado nos estudos descritivos do linguista americano Willian Stokoe, em 1960, estando comprovado que a Língua de Sinais possui regras gramaticais próprias sendo reconhecida como língua e meio legal de comunicação e expressão da pessoa surda, percebe-se que ainda existe preconceito inerente ao próprio contexto histórico da luta pelo direito ao uso da Língua de Sinais em todo o mundo.

É preciso compreender que a Língua de Sinais é uma língua como qualquer outra, nela encontra-se uma estrutura gramatical própria com seus níveis linguísticos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. A LIBRAS é um código linguístico, e nela são representadas o universo de ideias da comunidade surda, expressando assim os mesmos conceitos de outras línguas.

É importante ressaltar, que apesar da LIBRAS se encontrar imersa em uma comunidade majoritária ouvinte, apresenta regras próprias, não podendo ser confundida, ou mesmo misturada ao português, o que comumente acontece por ser esta a língua utilizada pela maioria da população.

Assim como a Língua Portuguesa, a LIBRAS apresenta sua organização gramatical, que se constituiu a partir de alguns parâmetros definindo a formação dos seus diferentes níveis linguísticos.

Apresenta um alfabeto manual, utilizado para soletrar nomes, caso não haja um sinal que represente uma palavra e também para configurar a mão na realização do sinal, conforme mostra a figura 1 abaixo.



Figura 1: Alfabeto Manual do surdo  
Fonte: [www.portaldosurdo.com](http://www.portaldosurdo.com)

De acordo com a estrutura sintática, obedecem as regras que estão diretamente relacionadas à forma de organização do pensamento da pessoa surda, com base em toda sua percepção, que diferente dos ouvintes, se apresenta de através do espaço visual. Assim, uma frase em Língua Portuguesa para um surdo, não terá tanto significado quanto uma descrita em sua forma gramatical própria.

Esta assertiva pode ser entendida nas frases abaixo.

**Exemplo 1:** Eu irei para casa. (PORTUGÊS)

Eu ir casa. (LIBRAS)

**Exemplo 2:** Quantos anos você tem? (PORTUGUÊS)

Idade você? (expressão facial de interrogação) (LIBRAS)

**Exemplo 3:** A lua esta noite está bonita. (PORTUGUÊS)

Hoje noite lua bonita. (LIBRAS)

Nas frases em LIBRAS não é necessário o uso de preposições, artigos, e conjunções, pois já estão incorporados no sinal, as frases geralmente são ordenadas seguindo a ordem de Objeto – Sujeito – Verbo (OSV), Sujeito – Objeto – Verbo (SOV) ou Verbo – Objeto (VO) e os verbos não são conjugados, aparecendo sempre no infinitivo

Dentro dos níveis fonológicos e morfológicos Stokoe apresentou três parâmetros, sendo eles:

A Configuração de mãos (CM), que diz respeito à forma que a mão adota durante a realização do sinal; o ponto de articulação (PA) caracterizando o local do corpo onde será feito o sinal, podendo ele estar tanto neutro como, por exemplo, da cintura ao ombro, ou em alguma parte do corpo; e o movimento (M) se define como deslocamento da mão no espaço, podendo ele existir ou não.

De acordo com GESSER (2009), na medida em que a comunicação foi sendo realizada, os linguistas Robbin Battison (1974), Edward S. Klima & Ursulla Bellugi (1979) perceberam que dois sinais poderiam mudar de significado conforme sua orientação, mesmo sendo utilizados os outros três parâmetros (CM, PA, M), foi então descrito um quarto parâmetro, a orientação (O), representando a direção que a palma da mão aponta na produção do sinal. Há também neste parâmetro há possibilidade de sua inversão, que comumente significa a ideia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal.

A expressão facial também faz parte da comunicação, e é um importante componente responsável por definir ou mesmo diferenciar alguns sinais, podendo ser esta neutra ou não.

É comum ouvir comentários maldosos a despeito deste segmento da língua, uns acham engraçado, outros, chegam a confundir o surdo como deficiente intelectual, pois vê a expressão como algo cômico, não os respeitando como pessoas que se comunicam através de uma língua.

Outro fator importante é a expressão corporal, que faz com que a mensagem seja transmitida com um significado mais claro e eficaz.

Em suma, a Língua de Sinais apresenta uma estrutura própria que estabelece combinações simultâneas de códigos e expressões resultando em uma língua oficial. Porém, apesar de ser reconhecida no Brasil desde 2002, continua sendo desconhecida ou até mesmo ignorada pela maioria dos brasileiros. Diante disto, ver-se que os surdos se configuram como uma minoria linguística o que dificulta a sua forma de comunicação e interação com a sociedade.

### **1.3 – A Aquisição da Linguagem por Crianças Surdas**

Em toda a História da humanidade a linguagem se faz presente, de forma que ela se configura como o principal meio de comunicação e interação entre as pessoas nas mais diferentes culturas, civilizações e organizações sociais. É através da linguagem que o homem consegue organizar seu pensamento expressando-o de forma clara por meio do discurso.

Nas vertentes dos estudos sobre a língua, encontra-se uma discussão sobre o entendimento da Língua Materna (LM) ou Primeira Língua (PL). Segundo Mues (apud SPINASSÉ, 2006) a Língua Materna geralmente é a primeira língua aprendida dentro do lar, com os pais e normalmente constitui-se como a língua da comunidade. A Língua Materna pode ser definida de várias formas, onde alguns fatores devem ser levados em consideração: a língua da mãe, do pai, dos familiares, da comunidade, a primeira língua que se aprende, a língua onde é estabelecida uma relação de afetividade, a língua que se tem melhor domínio, entre outros. Porém, no caso dos surdos, a Língua Materna é a Língua de Sinais, que geralmente é a primeira língua das crianças surdas, é sua língua de domínio, fluência e sua língua afetiva.

Lenneberg (1967) defende existir um espaço temporal em que a aquisição da linguagem ocorre de forma mais fácil e eficaz, o qual ele denomina de “período crítico”, que vai desde o nascimento até a puberdade, compreende-se que qualquer língua aprendida durante esse período pode ser considerada Língua Materna ou Primeira Língua.

De acordo com Chomsky (1998), todo ser humano apresenta uma predisposição genética para aquisição de uma língua. O autor define como “estado inicial” o momento em que a criança começa a esboçar a língua. Dessa forma, ele entende que “cada língua em particular é uma manifestação específica do estado inicial uniforme”, ou seja, as experiências as quais a pessoa é submetida se configuram como um “dado de entrada de informações” que possibilitam um processo de assimilação e significação, já a língua propriamente dita é entendida como um “dado de saída de informações” a fim de transmitir uma mensagem.

Sendo a língua algo inerente ao desenvolvimento do indivíduo e a aquisição da Língua Materna parte importante nesse processo, entende-se que a Língua Materna constitui-se como o principal elemento nos processos de interação que indivíduo pode estabelecer com o meio, haja vista que, como já mencionado, é entendida como a língua natural da comunidade. Portanto para os surdos, em sua grande maioria, a Língua Materna não representa a língua de sua comunidade, de forma que não é aprendida de maneira espontânea como deve ocorrer. Isso, o coloca em desvantagem com relação aos ouvintes cuja aquisição da Língua Materna condescende com a língua de sua comunidade.

O uso da linguagem é essencial na existência do ser humano, seja ela na sua forma verbal ou visual. Segundo De Paula (2003), a maioria das atividades são realizadas por meio de uma linguagem própria. É através da linguagem que conseguimos nos comunicar, estabelecer relações, interagir, compreender, enfim, dar e receber informações.

”A linguagem permite ao homem estruturar seu pensamento, expressar o que sente, registrar o que conhece e comunicar-se com outros homens. Ela marca o ingresso do homem na cultura, construindo-o como sujeito capaz de produzir transformações nunca antes imaginadas”.(DE PAULA, 2003, p. 13)

A fim de favorecer o bom desenvolvimento da linguagem utilizada por surdos, atualmente no Brasil, existem políticas públicas no sentido de oferecer o atendimento clínico a criança facilitando diagnóstico precoce da perda auditiva. O Comitê Brasileiro sobre Perdas Auditivas na Infância (CBPAI, 2000) na sua resolução 01/99 indica que seja realizada a *Triagem Auditiva Neonatal Universal* e recomenda que o diagnóstico da surdez seja realizado até no máximo os três primeiros meses de vida da criança, para que a intervenção comece até os seis

meses. É através desse respaldo que família poderá diagnosticar e consequentemente, encontrará formas e estratégias de intervenção no sentido de viabilizar a melhor maneira de interagir e se comunicar com a criança surda e consequentemente, propiciar o aprendizado de uma Língua Materna adequada.

Para Gomes (2005) bebês ouvintes ou surdos a partir dos três meses de idade “já apresentam capacidade comunicativa no sentido de decodificar sinais significativos da linguagem impressiva, para uns auditiva, para outros visual”.

Desse modo, a criança surda utiliza uma linguagem própria desde os seus primeiros esboços de interação com o meio e isso ocorre mesmo antes delas conhecerem a Língua de Sinais. Dessa forma, é importante a família se fazer atenta de como a criança estabelece as primeiras formas de comunicação dentro do contexto familiar, para assim oferecer um ambiente favorável ao seu desenvolvimento global.

Conforme a criança surda começa a esboçar as primeiras formas de comunicação, a família deve adaptar-se e apropriar-se da língua natural delas, assim contribuindo para que a aquisição da Língua Materna concorde com a língua da comunidade surda, para então, posteriormente o surdo escolha qual forma de comunicação ira utilizar como sua, tendo em vista que o contato com outra língua, majoritária da comunidade ouvinte, ocorrerá de forma natural.

#### **1.4 – A idade Crítica para Aquisição da Linguagem**

Segundo Sacks (1998) o pensamento a respeito de uma da idade crítica para a aquisição da linguagem não é um dado recente, pois em 1915 o neurologista inglês Hughlings Jackson afirmava que, quanto mais cedo à língua fosse adquirida menos prejuízos ocorreria no desenvolvimento da fala.

Diante disto, tal teoria pretende anunciar, que é a primeira infância (0 a 3 anos), a idade mais favorável para aquisição da linguagem, pois é neste período que ela passa por um intenso processo de desenvolvimento e entende-se ser este o período mais adequado para cérebro receber informações. Porém, esta capacidade pode se estender até o início da puberdade (11 a 12 anos), pois este continua sendo um período onde a pessoa se apresenta mais compassiva a estímulos provenientes

do meio, conseguindo preservar certa flexibilidade inata para a organização das funções cerebrais mais complexas.

A teoria considera o desenvolvimento neurológico do , e o *input* (entrada de informações no cérebro) para que seja possível a aquisição da fala. Pois, quando o sistema neurológico da pessoa encontra-se imaturo, as informações que estão lhe sendo apresentadas (o *input*) será o grande responsável pelo seu progresso. No entanto, se sua maturidade já foi alcançada, será pouco provável que o ambiente interfira no seu desenvolvimento.

A maturidade cerebral, que se inicia na primeira infância se apresenta como um dos principais embasamentos desta teoria. Já que se entende ser este o período mais propício a receber informações. A teoria revelará que as informações, não surgem do nada, esta virá através do meio, sendo ele outro importante fator neste processo. Segundo Barbizet e Duizado (1985) a maturação cerebral da criança é alcançada logo depois de seu nascimento, mas esta maturação nada lhe servirá se não houver intervenções externas, advindas do meio sob a fórmula de estímulos ao organismo humano.

[...] uma concepção de cérebro que, longe de uma definição apenas fisiológica, estruturalista ou fenomenológica, leva em conta seu funcionamento integrativo, sistêmico e dinâmico. Um cérebro capaz de manusear não apenas as formas linguísticas e cognitivas, mas, sobretudo, seu funcionamento; que se define pela relação com seu exterior discursivo. (Morato, 1997, p. 5).

Diante desta afirmação, leva-se em consideração que o primeiro contato externo que a criança tem, é advinda de seu âmbito familiar, tornando de suma importância uma interação direta com todos que fazem parte deste meio, pois sua organização cerebral, e, conseqüentemente a aquisição de uma língua dependerá destas influências para se desenvolver.

É pertinente discutirmos a influência da idade critica na apreensão da linguagem por crianças surdas, já que a maior parte delas nasce em famílias ouvintes tendo como consequência a aquisição tardia de sua língua natural.

Segundo Santana (2007) autores como Newport, Mayberry e Emmorey vêm estudando casos de crianças surdas que aprenderam a Língua de Sinais na primeira infância, os nomeados falantes nativos (FN) e crianças surdas que só vieram a adquirir sua língua em idade mais avançada, os falantes tardios (FT). Estes autores

relatam em suas pesquisas que as crianças denominadas FT são mais sensíveis a erros do que as crianças FN. Isso se torna evidente quando um FT comete erros morfológicos, apresenta mais lentidão no desenvolvimento linguístico (aspectos fonológicos e morfossintáticos), em suma apresenta mais dificuldades do que os FN.

No entanto, há autores como Neville (1997 apud SANTANA, 2007) que em suas pesquisas descobriram a proficiência de surdos cuja linguagem foi apreendida tardiamente. O que acontece nesses casos que permite ao surdo essa proficiência, leva em consideração vários indicadores, dentre eles o modo como ele a utilizará. Se mediante suas interações, a pessoa surda se encontra em constante desenvolvimento linguístico, em contato com outros surdos que sejam nativos da Língua de Sinais é possível que esta proficiência venha a ser desenvolvida. No entanto, é importante ressaltar que nestas pesquisas não foram realizados estudos aprofundados para que possa realmente afirmar sua competência linguística. Sendo assim é difícil dizer se adquirindo a língua tardiamente, o surdo poderá ser ou não proficiente.

O que de fato podemos considerar no processo de aquisição da linguagem de crianças surdas, sobretudo no que se refere à idade crítica, é que analisando a maturação cerebral e os aspectos inatos que o ser humano desenvolve, a primeira infância, ou seja, o três primeiros anos de idade é a fase mais propícia para esta apreensão da linguagem, não deixando de mencionar o meio social como fator importante para que a aquisição de fato ocorra.



## **CAPITULO 2 – CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS, HISTÓRICAS E CULTURAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SURDA**

Desde o seu nascimento a criança passa a fazer parte de um ambiente de interação cultural, social e histórico, sendo este de fundamental importância em seu processo de desenvolvimento psicossocial. Neste sentido, o contexto no qual a criança esta inserida, as vivências experimentadas por ela, lhe permitirá formular aspectos singulares no estabelecimento das relações de comunicação, de maneira que a inclusão nas mais diversas camadas sócias acabarão refletindo no processo de assimilação apreendidas de acordo com cada nível sociocultural. Entende-se, portanto que a aprendizagem da língua relaciona-se de forma direta com o modo de vida de uma pessoa, sendo a família a principal via de acesso a essas primeiras experiências sociais.

Dentro deste cenário compreende-se a importância da família na garantia do pleno desenvolvimento da criança e/ou adolescente, já que cabe a ela o cumprimento de alguns deveres que assegurarão tal processo.

### **2.1 – O Sócio-interacionismo de Vigotsky e Bakhtin**

Compreende-se que a abordagem sócio-interacionista é a que melhor define como ocorre o desenvolvimento da linguagem no ser humano. Essa teoria evidencia que a relação estabelecida com o outro acontece pela linguagem, caracterizando-a como única aos seres humanos. Nesta perspectiva, os autores Vigotsky e Bakhtin afirmam que o homem só se constitui homem por meio das interações.

A teoria vigotskyana e Bakhtiniana, compreende que não é o biológico que explica como ocorre o desenvolvimento da linguagem, mas sim as interferências sócio-históricas e culturais experimentadas pelo indivíduo.

“A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores”. (BAKHTIN, 1997, p. 127)

Segundo Vigotsky (1991), é por meio da inclusão entre as pessoas que a aprendizagem será garantida e efetivada. Em experimentos realizados com antropóides o autor verificou que a interação entre as pessoas é o meio favorecedor no desenvolvimento do pensamento e da linguagem, já que estes animais mesmos tendo uma a estrutura apropriada para a efetivação da fala devido ao aparelho fonador ser bem desenvolvido, eles não conseguiram desenvolver a linguagem verbal, porém eram capazes de realizar gestos e repetições de ações humanas.

Os estudos realizados com antropóides mostraram que sem a utilização da linguagem verbal, os macacos quando desenhavam não conseguiam atribuir nenhuma significação às suas produções, o que acontece de forma diferenciada com os seres humanos. Este fato comprova que através das intercomunicações o ser humano consegue significar as suas representações.

Para Vigotsky (2001), “o pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza”, logo entende-se que a palavra é o meio de expressão do pensamento. O pensamento se concretiza por meio da palavra que por sua vez é constituída de significados. Ainda segundo o autor, o pensamento da criança só é estabilizado, tornando-se mais ou menos constante quando a criança começa fazer uso da linguagem. É neste sentido que se entende que quanto mais cedo houver o diagnóstico da surdez, mas favorável será o aprendizado da língua natural.

“O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sócio-cultural da criança.” (VIGOTSKY, 1991, p.44)

Tanto Vigotsky como Bakhtin abordam a importância da interação social no desenvolvimento da linguagem. Ambos entendem que a aquisição da linguagem ocorre do externo para o interno, ou seja, do social para o individual, valorizando a palavra como forma de efetivação do pensamento. Desta forma, a aproximação do pensamento dos autores citados apresenta pontos que em muito contribuem no entendimento de como acontece à aquisição da Língua de Sinais por crianças surdas.

É importante entender que de acordo com a teoria sócio-interacionista a língua não é algo que pode ser simplesmente ensinada, mas que deve primeiramente ser vivenciada. Neste sentido a criança surda precisa estabelecer os primeiros contatos não com a língua oral, mas, com sua língua natural que é a

Língua de Sinais. Então cabe compreender como a criança surda, que nasce numa família de ouvintes, que fazem uso tão somente da língua oral pode desenvolver-se linguisticamente numa língua que ela não tem acesso.

Bakhtin(1986) nos mostra que não é possível compreender a língua fora do seu contexto social. O autor traz a importância dos fatores extralinguísticos no processo de aquisição da língua, mostrando que a língua ultrapassa o sentido de sistema. Neste sentido a palavra é a principal ponte entre as pessoas na comunicação social.

“A palavra (o discurso interior) se revela como o material semiótico privilegiado do psiquismo. (...) se apresenta como o fundamento, a base da vida interior. A exclusão da palavra reduziria o psiquismo a quase nada.”(BAKHTIN, 1997, p.52)

Vigotsky (1991) afirma que “os primeiros esboços da fala inteligente são precedidos pelo raciocínio técnico e este constitui a fase inicial de desenvolvimento cognitivo”. Sendo assim as relações entre a inteligência prática e a fala, que começa a ser desenvolvida a partir dos dez meses de idade, permanecem por toda a vida do indivíduo. O autor nos mostra que nesta fase a ação inteligente e a fala estão dissociadas, porém no decorrer do desenvolvimento de ambas se correlacionam, “a unidade dialética desses sistemas no adulto humano constitui a verdadeira essência no comportamento humano complexo” Vigotsky (1991). Compreende-se que o uso dos símbolos por meio da atividade simbólica, constitui-se como uma forma de organizar o pensamento, produzindo outras formas de comportamentos que perduram no indivíduo ao longo de toda vida.

Isso revela que, antes da criança conseguir controlar seu comportamento ela passa a controlar primeiro o ambiente através da fala e com o passar do tempo e dos estágios vividos pela criança, começa-se a estabelecer novas maneiras de relacionamento com o meio, dando origem a novas formas de comportamento. Esse processo é responsável pela produção do intelecto, que só acontece depois de certo tempo, caracterizando como “a forma especificamente humana do uso de instrumentos” (Vygotsky, 1994).

Para Bakhtin um dos problemas mais difíceis da linguística é dar significado as coisas de que se fala. Neste sentido, a fala desempenha a importante função de organizar, perceber e criar novas relações entre as funções psicológicas. Portanto,

cabe ressaltar que o sentido atribuído a uma palavra é oriundo de uma situação histórica, permitindo ao locutor transmitir o enunciado de forma compreensiva ao receptor, não havendo conflito quanto ao significado da palavra. Com isso o autor nos mostra que um mesmo enunciado poderá assumir conotações e significados diferentes, na medida em que se encontrar em contextos históricos diferenciados.

Há alguns elementos que possibilitam que o enunciado seja compreendido, ou seja, tenha uma significação clara, são eles: uma boa entonação, o momento em que se fala, o contexto no qual se inseri, os participantes da interação, dentre outros. Esses elementos quando bem utilizados, certamente facilitam o processo de interação.

Os estudos teóricos dos autores Vigotsky e Bakhtin, mostram que assim como os ouvintes, os surdos necessitam aprender uma língua de forma espontânea, que lhe seja natural. Para que tal aprendizagem aconteça, é sobretudo necessário que o ambiente sócio-histórico no qual se encontra a criança surda seja propício para uma efetiva interação.

É importante destacar que a língua não é algo que se aprende por imitação, ou seja, o adulto faz e a criança imita, muito pelo contrario, a criança precisa participar de espaços que lhe permita desenvolver um papel dinâmico e ativo nas interações estabelecidas em seu meio social. O que a teoria desses autores mostra é que, assim como o ouvinte, o surdo precisa aprender uma língua de forma espontânea e natural, por meio do convívio social.

Em 1930, Vigotsky defendia a ideia de que era preciso acabar com o uso da “mímica” entre os surdos, afirmando que o uso desta está tão enraizada, que existia a necessidade de desenvolver métodos diferenciados para assim acabar com ela. Conforme o autor orientava a respeito do combate a língua dos surdos, ele só afirmava que esta se dava de forma natural e espontânea, sendo ela intrínseca dessas pessoas.

As contribuições dos autores são inúmeras para a compreensão de como ocorre o processo de aquisição da Língua de Sinais, de forma que auxilia no entendimento de como o meio social e não distante o contexto familiar podem contribuir no mesmo, na medida em que se preocupam em agregar sentido as vivências experimentadas pelos surdos, através de uma linguagem própria e eficiente, que é a Língua de Sinais.

## 2.2 – A Família Como Primeiro Espaço de Socialização da Criança

Em sua etimologia a palavra família vem do latim “*famulus*”, que significa “escravo doméstico”. Dessa forma, é possível perceber que desde sua origem a mesma aponta para o lar, como sendo este o ponto unificador entre as pessoas.

Segundo Gomes (1994) a família deve ser entendida de acordo com a moderna historiografia, como uma instituição social básica, que esta em constante processo de transformação, descartando a ideia de um modelo, de um padrão único de organização familiar, sendo mais apropriado o uso do termo famílias, devido as suas variações.

A sociedade tem seu início na família, pois é nela que acontecem as primeiras relações sociais, se constitui de um espaço onde seus membros se organizam, trocam saberes conceitos e valores. Diante desse fato, se tornam incessantes os vários modos de se educar. Cada uma delas possuem princípios que regem o seu funcionamento, considerada por Gomes (1994), como agente primário de socialização. É o ambiente onde acontecem as primeiras relações sociais e de afeto entre pais e filhos e Knobel (1992) diz que esse relacionamento ajudará na formação do caráter, da personalidade e no desenvolvimento humano, determinando aí suas características sociais.

Deste modo o desenvolvimento psicossocial de um filho, sofre impacto decisivo provenientes das atitudes e comportamentos das pessoas que compõem o corpo familiar, sejam pais ou outros familiares que fazem parte de seu convívio.

Nesse processo de interação social, a comunicação se torna indispensável e um instrumento muito importante. Segundo Quadros (2000) para que possa haver trocas de informações entre os s, o diálogo entre as partes tem que ser estabelecido em uma mesma linguagem.

Vendo por essa perspectiva da comunicação como um instrumento de interação familiar e que as pessoas tem que usar a mesma linguagem em seus momentos de trocas, se faz necessário saber como é que essas interações acontecem em um ambiente que tem uma criança surda. Segundo (BRITO; DESSEN, 1999), a chegada de uma criança surda no seio familiar constitui uma fase crítica e exige adequações e o estabelecimento de novas prioridades, e que uma

boa união do grupo familiar é de extrema importância para a aceitação de um novo membro com deficiência. Sendo assim, é indispensável que ocorra uma interação efetiva e que se adote o mais rápido possível um método de comunicação adequada entre a criança surda e a família.

Existe uma carga cultural que traz junto ao termo surdez uma gama de significados, estes quase sempre estão associados ausência de algo que impede os surdos de terem uma vida normal como qualquer outra pessoa. Neste sentido a família que se depara com uma criança surda, a primeiro momento passa a ser uma vítima deste entendimento errôneo sobre a surdez e a pessoa surda. Então, para que tal adequação aconteça cabe a família buscar compreender quem é essa pessoa surda que acabou de ser descoberta. É preciso atentar para as suas necessidades mais específicas e estas se relacionam a linguagem, a forma de comunicação que ocorre de forma espaço-visual, isso não se refere tratá-la como desprovida de entendimento ou incapaz de aprender, muito pelo contrário, entender a pessoa surda é contemplá-la como alguém provida de inteligência e capaz de assimilar e interagir com o mundo de igual forma aos ouvintes.

Guarinello (2000) considera a família a base ideal para se iniciar o atendimento da criança surda. A família é a principal base de apoio no processo de desenvolvimento, formação e socialização do filho surdo, por isso, tem-se a necessidade de uma participação efetiva por parte dos pais.

Cabe a essas famílias se adaptarem ao universo da surdez dos filhos e não o contrário, o empenho para aprender a Língua de Sinais por parte dos familiares tem o objetivo de estabelecer uma melhor comunicação, uma melhor interação entre ambos. A pessoa surda quando inserida em uma família que se preocupa em lhe oferecer um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, certamente terá a sua identidade construída sem prejuízos, esta não sentirá de forma tão brusca os impactos oriundos da sociedade ouvinte quanto a sua aceitação, tendo em vista que saberá interagir e participar de forma adequada e efetiva, lutando pelos seus direitos, tornando-os reais e assim contribuindo com seu papel social.

## CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

A figura 2 mostra como está estruturada a metodologia desse estudo, a qual se divide em quatro momentos, sendo eles: as Perspectivas Metodológicas da pesquisa; o Campo de Pesquisa e Participantes; os Instrumentos de Pesquisa e Procedimentos e por fim a Análise dos dados.

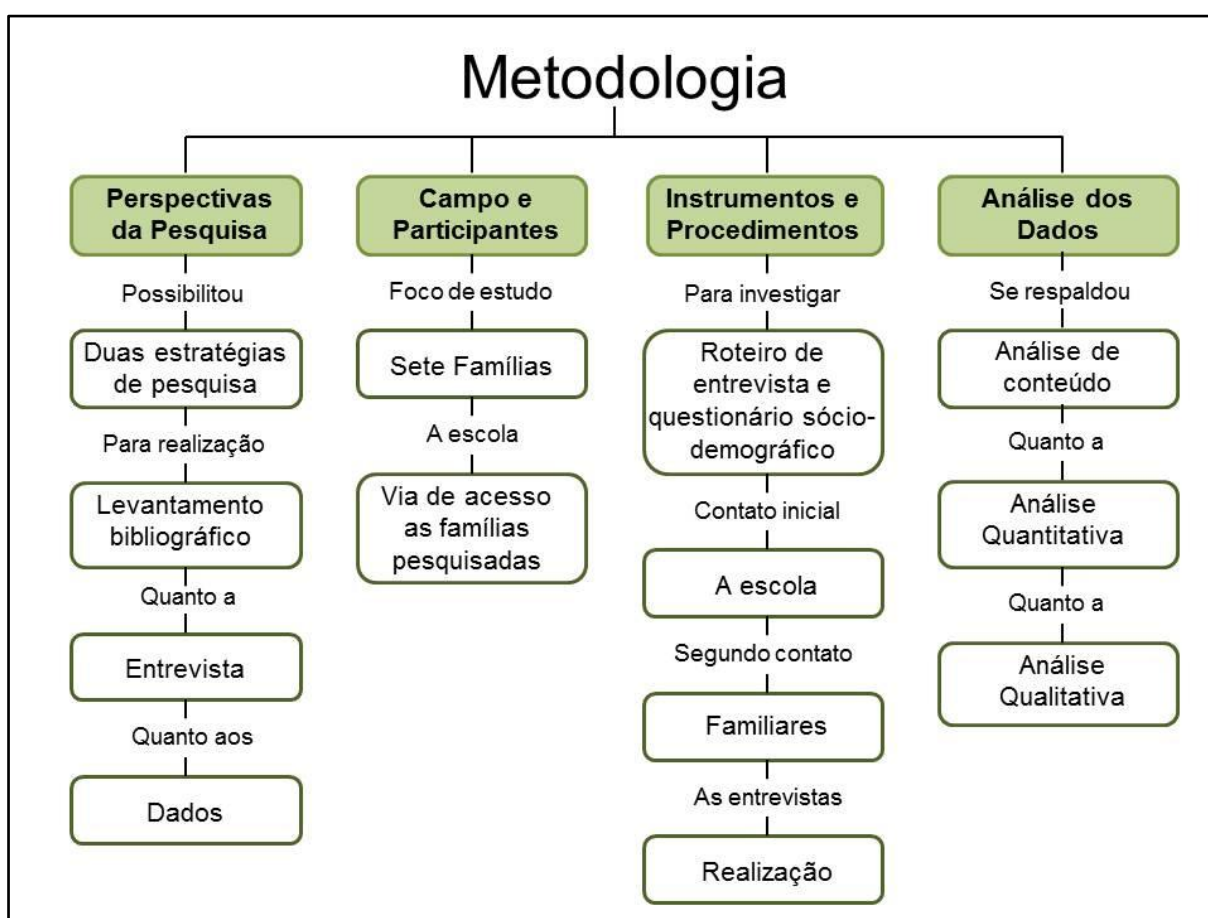


Figura 2: Estrutura Metodológica  
Fonte: Dados da pesquisa

### 3.1 – Perspectivas Metodológicas da Pesquisa

Este estudo possibilitou utilizar duas estratégias de pesquisa no que tange os estudos dos fenômenos sociais: a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa.

Para a realização do levantamento bibliográfico, busca-se por elementos teóricos que dê subsídio para desenvolver a pesquisa de maneira integra, auxiliando na busca por autores que se relacionam com o tema, e selecionando criticamente teorias e textos que compõe o objeto de estudo, haja vista que “espera-se que o pesquisador saiba dizer o que é consenso sobre o assunto em debate e o que é polêmico, o que já é tido como conhecido e o que ainda pouco se sabe” (MINAYO, 2010, p. 36).

Na pesquisa quantitativa, como explica Marconi e Lakatos (2003) é mais comum à utilização de instrumentos estruturados do tipo questionários fechados, tendo como objetivo um resultado mensurável, que permite um diagnóstico preciso do estudo abordado.

Segundo González Rey (2005), a pesquisa qualitativa é construída a partir da interação entre o pesquisador, participantes da pesquisa e as informações obtidas no decorrer do processo. Ele menciona o diálogo como uma estratégia pertinente “a melhor forma de ganhar a confiança na relação com os participantes é, nesse caso, estabelecer um diálogo que os levam a sentirem a necessidade de participar” (GONZÁLES REY, 2005, p. 85). A pesquisa qualitativa aponta aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para interpretação.

No que diz respeito à entrevista, salienta-se que a mesma, segundo Bogdan & Biklen (2010), “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como eles interpretam aspetos do mundo”. Sendo assim, a entrevista coloca-se como fonte de coleta de dados, dando abertura para que o informante sinta-se a vontade nos relatos ao mesmo tempo em que darão ao investigador autonomia de participação no processo.

Quanto aos dados, estes não poderão ser colocados no corpo do trabalho em sua forma original, é necessário que o investigador resuma as informações consideradas “brutas” de maneira que possam ser reorganizadas e apresentadas através de outro material que facilite a compreensão e interpretação da análise. Para Rojas Soriano (2004) a análise consiste em separar os elementos básicos da informação e examiná-los, de modo a responder as questões colocadas na



pesquisa. É importante apontar para que a análise possa de maneira íntegra responder aos objetivos gerais e particulares da pesquisa.

É a partir desta perspectiva que a metodologia foi desenvolvida, utilizando os aspectos quantitativo/qualitativo, a fim de investigar o processo de aquisição da linguagem de crianças surdas e seu processo de interação familiar de forma a medir alguns aspectos e subjetivar outros. A análise dos dados possibilita entender as dificuldades e anseios dessas famílias deixando-as livres para expressar sua realidade e entender-se dentro dela.

### **3.2 – Campo de Pesquisa e Participantes**

O foco de estudo desta pesquisa, foram sete famílias de crianças surdas, estudantes de uma escola pólo de inclusão da rede municipal de ensino da cidade de João Pessoa – PB, localizada no bairro de Mangabeira. A escolha das famílias como participantes da investigação se deu pelo fato da escola em questão fazer parte da comunidade surda local, valendo ressaltar que a mesma foi via de acesso fundamental para chegar às famílias pesquisadas.

A investigação foi direcionada as famílias dos alunos surdos, visando compreender como ocorrem suas interações linguísticas no âmbito doméstico e entender como acontece o processo de aquisição da Língua de Sinais.

Para manter o sigilo da instituição de ensino e das famílias participantes qualquer forma de identificação foi omitida, tanto da escola quanto das crianças e seus familiares.

### **3.3 – Instrumentos de Pesquisa e Procedimentos**

Com o objetivo de investigar como as famílias estão contribuindo no processo de aquisição da linguagem de seus filhos surdos, foi elaborado um roteiro de entrevista individual, de cunho qualitativo, que se edificou a partir da interação entre pesquisadores, entrevistados e as informações obtidas durante o processo, o qual

contem questionamentos e buscou informações sobre as relações dessas famílias com seus entes surdos. Com o intuito de traçar um perfil dessas famílias e de seus filhos surdos, foi elaborado também um questionário sócio demográfico com questões objetivas, que permitiu uma análise quantitativa, ou seja, mensurável do estudo, buscando informações quanto a: idade, naturalidade, gênero, escolaridade, religião, renda familiar e local de residência.

Para que as entrevistas acontecessem, primeiramente foi feito um contato inicial com a escola e a devida apresentação da pesquisa e das pessoas que nela estão envolvidas, com o intuito de obter as informações necessárias dos responsáveis, ou seja, dos familiares dos alunos surdos, tais como: Nome do responsável pelo aluno surdo, telefone e endereço.

Em sequencia, foram feitos os contatos com os responsáveis dessas crianças, que aconteceram por meio de telefone e/ou através de uma visita a residência dos possíveis entrevistados. No momento do contato foi feita a apresentação da pesquisa e das pessoas envolvidas. Ocorrendo aceitação em participar do estudo, foi marcada uma data para as entrevistas de acordo com o tempo e as possibilidades dos mesmos. Nesse momento, foi pedida também a autorização para o uso de um gravador de voz, instrumento importantíssimo para a captação das informações, pois sem ele não seria possível abstrair todas as informações de forma significativa e eficaz.

As entrevistas foram realizadas em trio, onde um dos pesquisadores aplicava os questionários, tanto o sócio demográfico quanto o roteiro de entrevista e os outros dois anotavam e gravavam os dados da relação de comunicação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado. Foi desta forma que se conseguiu dados necessários para dá andamento ao estudo.

### **3.4 – Análise dos Dados**

Quanto à análise dos dados, essa pesquisa se respaldou da utilização das análises de conteúdo, entretanto:

A análise de conteúdo visa verificar hipóteses e ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto. (...) o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (MINAYO, 2010, p. 74).

A análise quantitativa foi constituída de um questionário sócio demográfico, e teve como objetivo principal traçar o perfil dos familiares e/ou responsáveis e das crianças surdas. Os resultados foram ilustrados através de gráficos e tabelas.

Quanto à análise qualitativa, foi necessário transcrever as entrevistas gravadas de forma precisa, para que, depois se pudesse fazer a filtragem e categorizar as informações mais importantes e significativas para o estudo em andamento, de modo que a análise possa responder aos objetivos do estudo investigativo.

Após a coleta dos dados qualitativos as informações foram organizadas em categorias, com o intuito de encontrar respostas para compreender como as famílias estão contribuindo no processo de aquisição da Língua de Sinais de crianças surdas. Assim, encontrou-se como categorias principais: interação familiar, universo da surdez e aquisição da língua. A partir disso foi feita uma reflexão dos discursos das famílias.

## CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E ANÁLISE

### 4.1 – PERFIL DAS FAMÍLIAS

A pesquisa contou com a participação de 7 familiares de crianças surdas, os dados sócio-demográficos demonstraram que as famílias em sua totalidade são representadas por mulheres, como média de idade de 32 anos e ouvintes, como mostra o gráfico 1. Para Nogueira (1998, p.9):

Cerca de 95% das crianças deficientes auditivas nascem em família de ouvintes sem ter a linguagem comum ao meio cultural no qual vivem e com dificuldade de estabelecerem contatos interpessoais e de relação social, crescem com concepção de um mundo diferenciado da maioria ouvinte.



Gráfico 1: Distribuição quanto a Idade  
Fonte: Dados da Pesquisa

Quanto ao grau de instrução, observa-se que de todas as entrevistadas, apenas uma iniciou o ensino superior, outras três cursaram ou ainda estão cursando o ensino médio e as outras três restantes estão no ensino fundamental, onde, duas encontram-se no ensino fundamental II e uma está no fundamental I. Como demonstrado no gráfico 2.

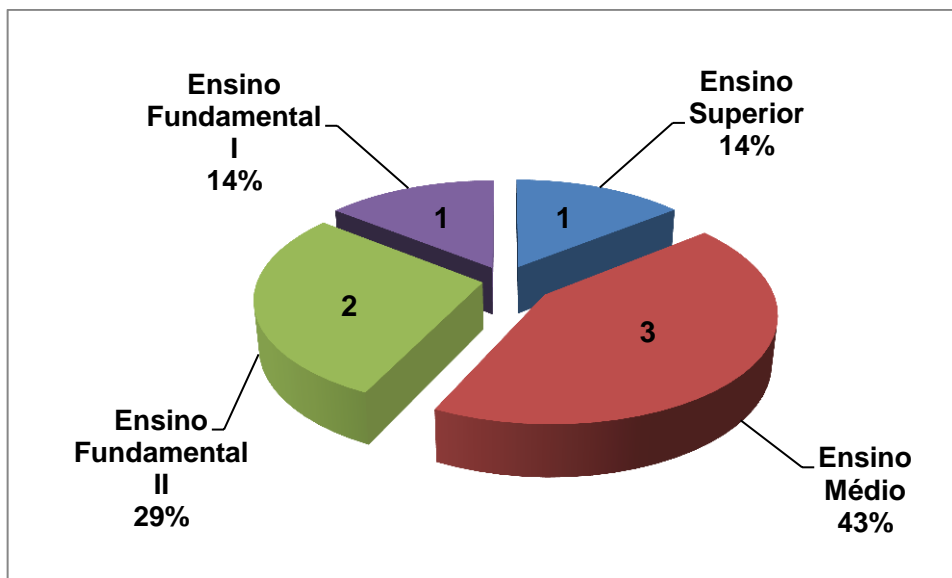


Gráfico 2: Distribuição quanto o Grau de Instrução  
Fonte: Dados da Pesquisa

Quanto ao estado Civil o Gráfico 3 mostra que 43% das mães entrevistadas são solteiras, somadas a 14% de mães separadas, vê-se que 57% delas cuidam dos seus filhos sem ajuda do pai e 43% são casadas ou vivem em união estável a Tabela1 mostra que cada família de tem dois a três filhos.

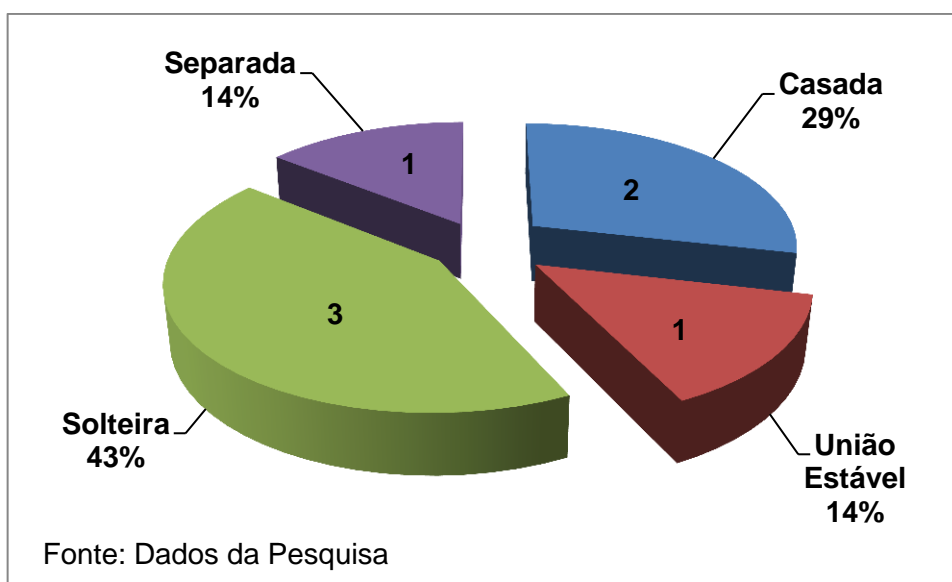


Gráfico 3: Estado Civil das Entrevistas  
Fonte: Dados da Pesquisa

**Tabela 1: Distribuição por número de filhos**

Nº de Filhos	Participantes	Percentual
Três	4	57,14%
Dois	3	42,86%
Total	7	100,00%

Dados: Fonte da Pesquisa

No que diz respeito a religião, algumas mães tanto evangélicas, quanto católicas ao serem indagadas se sabiam onde são oferecidos cursos de LIBRAS, afirmaram que algumas igrejas evangélicas da cidade oferecem cursos de LIBRAS para ouvintes. O Gráfico 4 mostra a distribuição por religião.

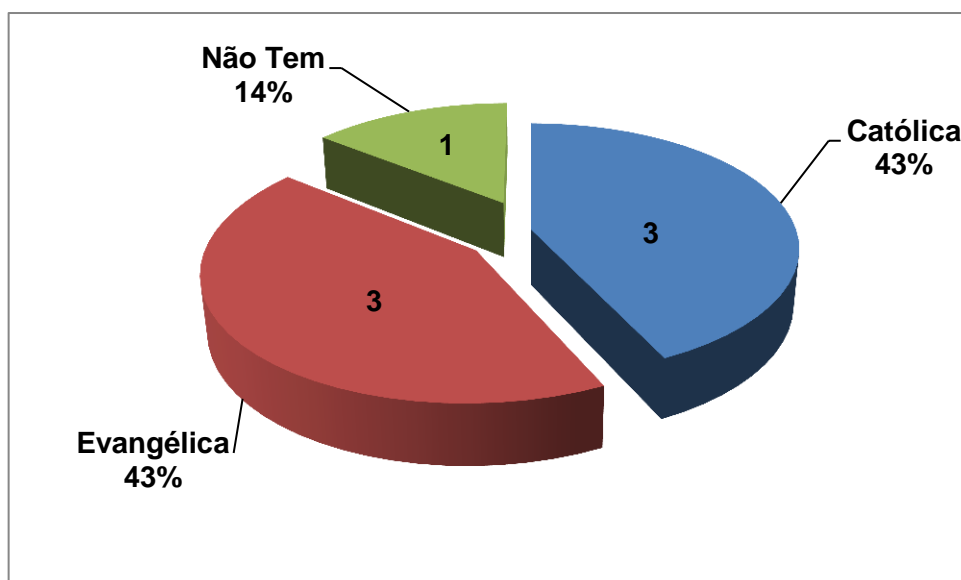


Gráfico 4: Distribuição por Religião

Fonte: Dados da Pesquisa

As famílias vivem com uma renda de um a dois salários mínimos por mês, como mostra a Tabela 2.

Das sete participantes cinco declararam viver com uma renda de dois salários mínimos mensais, dos quais um deles é representado pelo trabalho de um dos membros da família (mãe ou pai) e o outro pelo Benefício de Prestação Continuada-BPC, pago pelo governo federal e garantido por lei no Art. 20 da LEI 8.742/1993 que diz o seguinte:

“O benefício de prestação continuada é a garantia de um salário-mínimo mensal à pessoa com deficiência e ao idoso com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais que comprovem não possuir meios

de prover a própria manutenção nem de tê-la provida por sua família”. (BRASIL, 1993)

As outras duas entrevistadas afirmam não ter outro meio de renda, senão o benefício pago pelo governo federal. Dessas últimas uma é solteira e a outra é separada, cada uma tem 3 filhos e não trabalham pois não tem com quem deixar seus filhos.

**Tabela 2 – Distribuição quanto o salário**

Salário	Participantes	Percentual
1 Salário	2	29%
2 Salários	5	71%
Total	7	100%

Dados: Fonte da Pesquisa

Quanto ao local de domicílio, somente 3 famílias moram no bairro onde se localiza a escola e as outras 4 se deslocam de outros bairros como Bancários, Valentina Figueiredo e Portal do sol, por não haverem em seus bairros de origem escolas que deem tal suporte para que seus filhos adquiram a LIBRAS, como demonstra o gráfico 5.

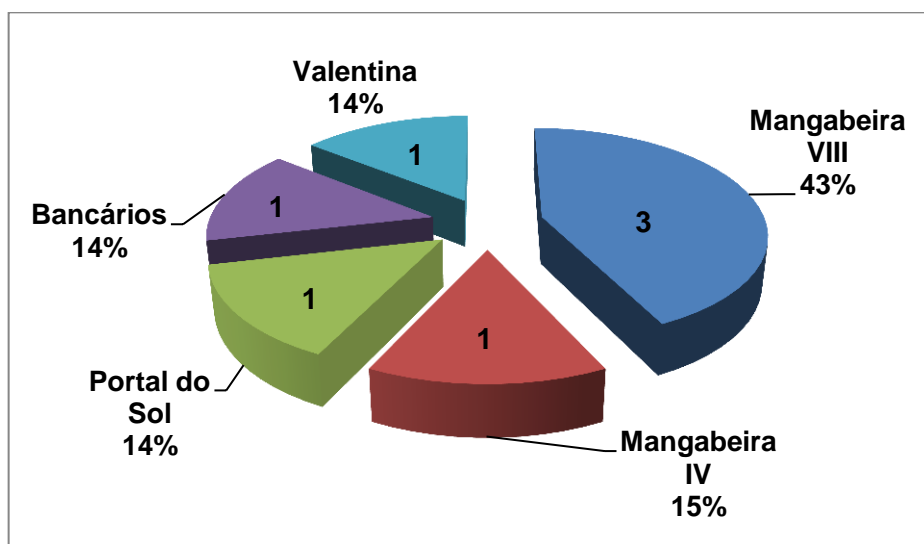


Gráfico 5: Distribuição quanto ao local de domicílio  
Fonte: Dados da Pesquisa

Os filhos surdos das mães entrevistadas têm atualmente idades que variam entre oito a doze anos. O gráfico 6 mostra a idade que essas crianças tinham quando descobriu-se que elas eram surdas e o período até início da aprendizagem

da Língua de Sinais, apresentando assim uma defasagem para iniciar a comunicação na sua língua natural que varia de 2 a 7 anos e 11 meses.

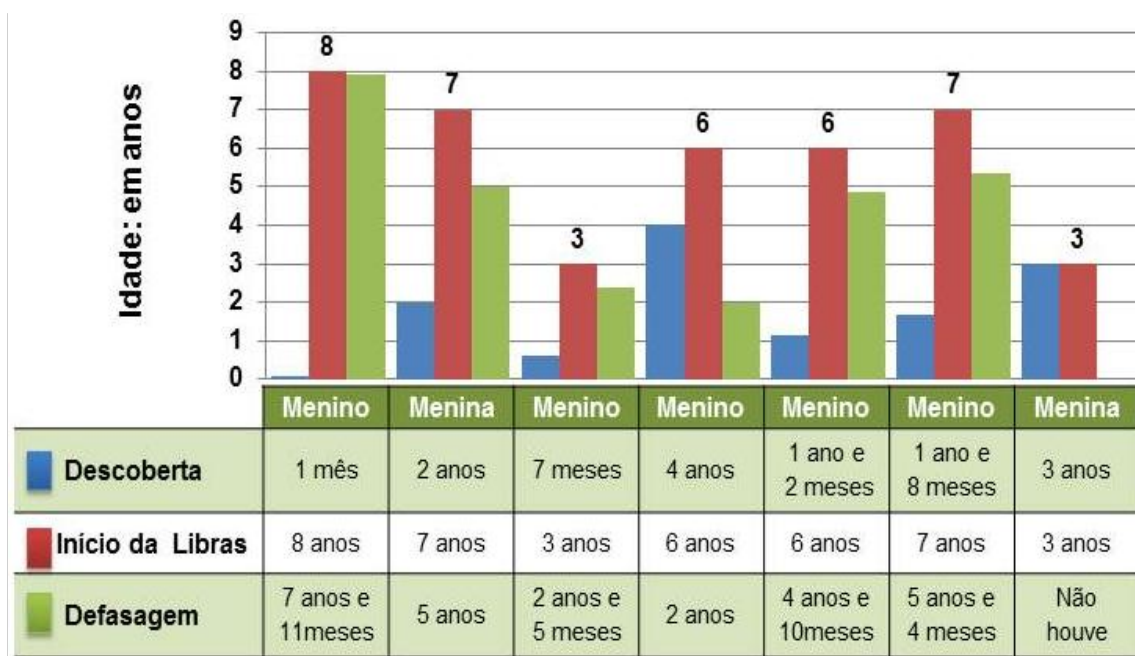


Gráfico 6: Período entre a descoberta da surdez e início da aquisição da LIBRAS  
Fonte: Dados da Pesquisa

Diante do que foi exposto, pode-se definir o perfil que representa as pessoas que participaram desse estudo como sendo de mulheres ouvintes, com uma média de 32 anos de idade, que em sua maioria seguem uma religião, que cuidam de mais de um filho, com escolaridade que varia do ensino fundamental ao superior, Quanto ao estado civil, três são casadas (ou união estável), três são solteiras e uma é separada, recebem entre 1 e 2 salários mínimos por mês provenientes do trabalho e do Benefício de Prestação Continuada-BPC pago pelo governo federal e residem tanto no bairro onde se localiza a escola quanto em bairros vizinhos.



## 4.2 – INTERAÇÃO FAMILIAR

Entende-se por interação familiar toda e qualquer forma de contato, seja ele físico, emocional, afetivo, cognitivo, comunicativo, onde ocorra troca de informações e aprendizagens entre os membros de uma mesma família. Essa interação desenvolvida e estabelecida no âmbito familiar configura-se como o principal meio de construção do caráter da pessoa, sendo a infância o momento em que essa troca deve ocorrer com veemência, haja vista que é neste período que a criança começa a formular seus primeiros questionamentos a respeito de como são estabelecidas as relações sociais.

Diante deste entendimento ao investigar como a família desenvolve seu papel socializador, destaca-se alguns pontos importantes a serem analisados e refletidos frente à descoberta do diagnóstico da surdez e os primeiros contatos interativos estabelecidos neste âmbito. Compreendendo que o contato comunicativo é o que necessita maior atenção nesta análise.

### 4.2.1 – A zuada não o incomodava

Antes das mães obterem o diagnóstico da surdez dos filhos (as) a maioria já começava a suspeitar que algo não estava bem quanto a sua audição. Quatro delas relataram que:

Sempre assim, agente fazia zuada em casa e ele nunca se assustava com nada.

Um dia o pai dela tava trabalhando, que ele trabalhava em casa, e ela de costas, ele morreu de chamar por ela e ela não respondeu.

Dormia em qualquer lugar, podia cair o mundo que ele não tava nem aí.

Uma vez ele brincando de bola aí na rua, um carro buzinou e ele não prestou atenção, assim, não ouviu.

O fato de a família observar a existência de diferenças no que se referem à percepção dos sons pelas crianças é notório que, ainda assim, ela reluta em acreditar que isso possa está relacionado a alguma patologia. Isso acontece porque é difícil para família aceitar que seu filho possa ter alguma diferença orgânica com relação às outras crianças de seu convívio, consideradas “normais”.

#### **4.2.2 – Eu não queria acreditar – Negação da realidade**

Percebe-se que algumas mães se mostraram resistentes em pensar que alguma coisa poderia estar errada com seu filho, já que na maioria das vezes os pais não estão preparados para aceitar que algo possa destruir a idealização da espera de filhos “perfeitos” e se negam a acreditar que este pode nascer com algum tipo de deficiência.

A Fulana sempre vinha me dizendo, a irmã dele que ele era surdo e eu dizia não Fulana, ele não é surdo não, ele assiste desenho, ele vê televisão. – Não mainha mais ele é surdo! - ela sempre me dizia e eu não queria aceitar.

Eu tenho um irmão que veio falar com cinco anos, agente pensava que ele ia ser como meu irmão.

Apesar de haver uma suspeita quanto a existência da surdez, esta acaba sendo desviada pelo fato da criança realizar atividade que não pareceria comum se a mesma fosse surda. A família utiliza destes meios para levar as pessoas a acreditarem em fatos fictícios, fazendo de tudo para desviar o assunto. Observa-se que a as mães tendem a negar a surdez utilizando argumentos do tipo “ele assiste televisão”, dando a entender que ele escuta os sons oriundos deste aparelho e ainda comparando a casos de outros familiares que desenvolveram a fala oralizada tardiamente.

#### **4.2.3 – Depois de um tempo...descobri! – Encarar a realidade é inevitável**

Na maioria dos casos, apesar da desconfiança da surdez ocorrer bem cedo, o diagnóstico quase sempre ocorre tardiamente, geralmente entre o segundo e terceiro ano de vida, perdendo assim, um período crítico na estimulação da criança, principalmente no que diz respeito a seu desenvolvimento linguístico.

Mulher, eu descobri com...uns quatro anos.

Eu descobri quando ela tinha três anos.

Autores como Vigotsky e Bakhtin afirmam que a língua deve ser adquirida o mais cedo possível, para evitar prejuízos na linguagem, o que também afeta diretamente seu desenvolvimento global. Quando a criança é privada do acesso a sua língua natural, ela certamente não terá condições de compreender as informações transmitidas pelo mundo externo em sua plenitude, de forma que os conhecimentos são adquiridos superficialmente.

#### **4.2.4 – A informação chegou**

Percebe-se a dificuldade na descoberta do diagnóstico relatada pelas mães, o que certamente impediu que elas tomassem conhecimento sobre o tipo de deficiência dos filhos, influenciando em seu pleno desenvolvimento.

O diagnóstico precoce é importante para o desenvolvimento global de toda criança, desde que seja propiciado a ela, um ambiente favorável que a faça reconhecer sua natural forma de comunicação, e, que esta possa interagir com seus membros de forma espontânea. Isso significa dizer que, nem sempre a descoberta da surdez nos primeiros meses de vida garantirá que a pessoa surda amplie seus conhecimentos.

Minha mãe, ela assistia um programa do Ratinho, que sempre passava esses negócios, aí através desse programa que ela uma

vez resolveu fazer o exame, aí descobriu que ele era surdo... Eu acho que ele tinha um mês visse, mais ou menos, era novinho.

Através da mídia, a família se interessou em fazer o exame, e constatou que a criança era surda em seu primeiro mês de vida. No entanto percebe-se que a forma de comunicação utilizada neste âmbito, não contribui de maneira favorável para efetivo o desenvolvimento desta criança.

Agente fez o Bera, até porque demorou um pouco, porque o Bera não tinha pelo SUS, só tinha em Campina Grande ou em Recife, e infelizmente as condições financeiras não dava pra fazer.

Porque na época não tinha, quando ele nasceu não tinha assim pra saber que era surdo né, quando nasce que já sabe no hospital, e nessa época não tinha.

É possível identificar nas entrevistas que a maioria das crianças não teve acesso aos exames relatados anteriormente, principalmente as que se encontram na faixa etária entre os nove e doze anos, pois estes não eram oferecidos na cidade, tão pouco assegurados por lei

Com o desenvolvimento da tecnologia, o acesso à informação vem ganhando espaço e contemplando grande parte da população. Atualmente, diagnosticar uma criança com surdez em seus primeiros meses de vida não é tarefa difícil. Aqui no Brasil, desde agosto de 2010 a lei 12.303/10 obriga todos os hospitais e maternidades a realizarem o exame de Emissões Otoacústicas Evocadas, conhecido popularmente como “teste da orelhinha”. O exame faz parte da triagem neonatal, é gratuito e um direito de todos, dando plena flexibilidade às mães de retornarem aos hospitais para a realização do mesmo, pois o ideal é que ele seja feito entre os três e os seis primeiros meses de vida. Os exames realizados logo após o parto pode sofrer algumas alterações, uma vez que o recém-nascido ainda pode apresentar líquido amniótico, cera e outras substâncias que alteraria o resultado. O “teste da orelhinha” geralmente especifica se há ou não perda auditiva.

O Bera (ABR, BAEP, audiometria de tronco cerebral) também é um exame utilizado na avaliação auditiva, que pode ser realizado tanto em crianças pequenas com em adultos, porém esse é um exame mais específico, diferente do “teste da orelhinha” que diagnóstica se há ou não a surdez. O Bera indica onde está o problema, o que provocou a surdez e que nervo foi lesionado.

#### **4.2.5 – Ainda não sabíamos muito bem o que fazer**

A gente inventa do mesmo jeito que tá falando normal com uma pessoa, ele foi se adaptando com o tempo.

O que percebe-se nesta fala é que geralmente são as crianças que tendem a se adaptar ao contexto linguístico do ouvinte. O que acontece é uma acomodação por parte da família, haja vista, que a forma de comunicação estabelecida no lar passa a ser considerada suficiente para “compreender” as necessidades da pessoa surda.

Ele me entende, eu entendo ele. Entende, entende. Assim agente próximo a ele entende sabe, quando ele tá com uma dor agente entende, quando ele quer um comê, quer tomar água assim, essas coisas agente entende.

Esse “entender” o que a criança fala, geralmente se refere as necessidades fisiológicas , quase nunca se remetendo as angústias mais profundas, relacionadas as emoções, dificuldades de comunicação, entre outras.

### **4.3 – UNIVERSO DA SURDEZ**

Quando fala-se em surdez, não se refere somente as pessoas que possuem alguma deficiência relacionada a audição. Esse termo exprime um significado mais amplo. Ser surdo significa estar inserido em uma comunidade minoritária, porém, também significa dizer que o surdo possui as mesmas capacidades que os ouvintes. Então o que diferencia o surdo do ouvinte é a forma de comunicação, ou seja, a língua utilizada por cada uma dessas comunidades.

Pensar a surdez é pensar num universo visual que as informações não chegam através do som, mas das imagens, dos movimentos, da dinâmica, das vibrações que as coisas e as pessoas expressam e realizam. É através do olhar e do sentir que o surdo consegue entender como se dá as formas de interação em sociedade.

É comum pensar que o surdo vive em um universo de silêncio, devido ao fato da associação do termo silêncio à ausência de som, quando na verdade, entende-se que silêncio é não dar possibilidades a pessoa de propagar sua “voz”, de expressar suas ideias e opiniões através de uma língua. Todavia, no convívio com um surdo, é possível constatar que essa ideia de silêncio é um mito.

#### **4.3.1 – Que barulho é esse que estou sentindo?**

Ele não escuta nada, mais eu sei que ele fica no ritmo, hoje mesmo ele colocou um cd e ficou num ritmo e meu marido disse oxi, e ele tá escutando? Eu disse rapaz eu num sei não, acho que é o grave né... o grave e ele lá dançando, eu acho que ele já sabe né. Até o vizinho tá lá com o carro ligado da frente e ele ficou lá dançando no terraço...

Na cultura surda, o barulho/ som, ganha outro significado. Para o surdo o barulho pode ser entendido como a luz da campainha que acende, a vibração do despertador, Lane (1984 apud GESSER 2009). Dessa forma o barulho para o surdo é entendido como um “ruído visual”, percebido através da dinâmica dos objetos e das coisas que lhe cercam.

O surdo consegue ter as mesmas percepções e sensações que o ouvinte, diferindo apenas a forma como elas serão captadas pelo organismo. Até os que possuem a perda total da audição são capazes de perceber as vibrações que se passam ao seu redor. A princípio, ao deparar-se com um surdo escutando música, por exemplo, é comum que isso gere certa estranheza, pois, espera-se que o mesmo não expresse nenhuma reação no contato com o som. Isso pode ser explicado pelo fato de que a pessoa surda tem a sensibilidade captar as vibrações, ou seja, as ondas sonoras emanadas pelo ar, o que permite sentir o ritmo de uma música.

#### 4.3.2 – De tudo nós tentamos

De acordo com Almeida (1993), a família ao se deparar com o nascimento de uma criança com alguma deficiência passa por um processo de adaptação incluindo algumas fases: negação, negociação, raiva, depressão e aceitação. É em meio a esses sentimentos que a família deverá escolher qual caminho irá trilhar para proporcionar o desenvolvimento desse. Nesse período a família precisa optar pela corrente da comunicação mais adequada a ser utilizada. É nesse momento que encontra-se uma variedade quanto às formas de comunicação utilizadas dentro do seio familiar.

Em casa ela oraliza bastante, eu as vezes dou uma... Beltrana, LIBRAS Beltrana, usa LIBRAS Beltrana, eu não estou entendendo nada do que você tá querendo me falar Beltrana, usa LIBRAS, LIBRAS, LIBRAS, LIBRAS Beltrana, que eu não estou entendendo nada... Ela oraliza bastante porque ela tem os irmãos né, que todo mundo é ouvinte, só ela é surda, então ela oraliza bastante. Mas na rua ela usa mais LIBRAS e toda vez que muda muito de ambiente ela fica meio oralizando e falando LIBRAS, transita muito...

Conforme a fala dessa mãe, existem aspectos positivos e negativos quanto a essa transição entre as formas de comunicação, por vezes a oralização e por outras a LIBRAS.

Quando entendido que o processo de aquisição da língua é de grande importância na formação e desenvolvimento do indivíduo, compreende-se que é papel da família direcionar a criança no sentido de lhe ensinar a forma de comunicação mais adequada, no caso, a LIBRAS. Sendo assim, percebe-se que o uso de várias formas de comunicação com a criança que se encontra na fase da aquisição da linguagem, pode causar uma “confusão em sua cabeça”, no que se refere, a que cultura linguística ela pertence, dificultando a mesma compreender qual é sua identidade, não conseguindo se identificar como surdo, nem tão pouco como ouvinte.

Em contrapartida é importante considerar que a transição das formas de comunicação entre a criança surda e a pessoa ouvinte, pode se apresentar como um fator de grande valia, no concernente a escolha de qual forma de comunicação o surdo vai escolher como principal no processo de interação com o meio. Isso pode

ser comprovado pelo fato que quando a criança consegue desenvolver mais de uma forma de comunicação, a exemplo da oralização e da Língua de Sinais, ela conseguirá interagir com o meio com maior facilidade, ajustando sua comunicação conforme a necessidade do ambiente.

Sendo assim, cabe a família direcionar a criança a sua língua natural, ou seja, a LIBRAS, para que ela possa ter acesso a sua cultura, formando assim sua identidade surda. Ao mesmo tempo em que é importante fornecer outras formas de comunicação, dessa maneira, facilitando o intercâmbio entre as culturas. Trata-se de uma questão de respeito à pessoa surda, lhe assegurar o direito de ser educado na Língua de Sinais, porém também é questão de respeito propiciar meios que favoreçam o indivíduo optar ou não pela oralização. A atenção deve ser voltada no sentido de conscientizar a criança quanto a sua identidade surda, enfatizando sempre a qual cultura ela é pertencente.

Em casa a gente ficava ensinando ele a falar... botava ele de frente assim e ficava dizendo as palavras para ele dizer, água, ali, comida, bola, essas coisas mais fáceis, e aí ele ia dizendo né. Falando e a gente sempre tenta, a gente fica falando com ele explicando a palavra, pega ele pra a gente olhar no olho dele e ele vê o que a gente tá falando e ele repete, num repete perfeitamente igual a gente mais ele repete, dá pra entender o que ele tá dizendo.

É comum a tentativa de oralizar a criança surda, acontecendo antes do diagnóstico, ou até mesmo quando a criança já tem contato e faz uso da LIBRAS. No caso acima citado, a mãe relata que mesmo depois de descobrir a surdez do filho, muitas foram às tentativas de oralização empregadas. Isso demonstra que existe um anseio em desenvolver a fala verbal da criança a todo custo, gerando uma expectativa familiar na busca de escutar a voz da criança surda. O que não é claro para a família, é que impor uma língua não é o melhor caminho, pois tal atitude poderá gerar traumas psicológicos e emocionais, comprometendo o processo de aquisição da língua natural da criança, que prejudicarão de forma direta no desenvolvimento global da pessoa.



### 4.3.3 – Nem tudo funcionava

...hoje mesmo ele estava fazendo um sinal lá que eu fiquei doida sem saber o que era, aí ele ficou procurando alguma coisa assim né pra dizer o que era...

Na fala acima fica clara a dificuldade de comunicação entre mãe e filho. Quase sempre, quando a família não tem domínio da LIBRAS a criança passa a ser isolada das conversas, das brincadeiras, suas dúvidas e curiosidades mais simples não são desvendadas.

...tem essa característica dos surdos, que os surdos são bastante inflexíveis não sei se vocês já repararam, quando ela fala que é um negocio é aquilo e vão sempre tentar convencer, aí... Senhor.

O fato é que quando a criança surda não tem acesso a sua língua natural, seu comportamento, por vezes agressivo, inquieto, ansioso, nervoso, estressado, vai ser mal interpretado. Entende-se que isso acontece porque a criança se sente incompreendida pela própria família, que não faz uso da LIBRAS. É como pensar em um estrangeiro no seu próprio país, tentando estabelecer comunicação com pessoas que não entendem sua língua, haverá um momento em que ocorrerá uma irritação, de ambas as partes, ou ainda pior, a desistência, levando a exclusão.

### 4.3.4 – E suas mãos começaram a falar

Mil por cento, muito, muito, muito...em tudo, comportamento, comunicação, tudo, tudo. Porque ele era terrível viu! Terrível.

Com certeza, melhora e muito. No sentido que agente aprende a falar com ele e é bem mais fácil do que ele tá apontando, ele tá gritando e agente não saber o que ele tá dizendo. Em LIBRAS, o que ele fala em LIBRAS agente já sabe e já entende ele, já sabe o que ele tá dizendo e se ele não soubesse falar em LIBRAS ele ia só gritar que nem ele fazia antes né?. E agente às vezes se irritava porque não sabia o que ele queria e acabava ficando estressado, porque ele gritava tanto que agente chegava cansado do trabalho e não sabia o que ele queria, ficava o tempo todo gritando, tinha hora que... agente enlouquecia.

É possível verificar que as famílias, reconhecem que o acesso e uso da LIBRAS é responsável por uma considerável melhora nos mais diferentes aspectos da criança, sejam eles comportamentais, cognitivos, linguísticos, entre outros.

#### **4.3.5 – Olhando assim não víamos nada**

Bom se ele entende ou não eu falo com ele normal porque a Assistente Social e a Psicóloga disse que eu tratasse ele como uma criança normal, então pra mim do jeito que eu trato um eu trato o outro. Tá entendendo?

Quando ela nasceu eu não desconfiava, é que nem você olhar pra ela e acha que ela é uma criança normal.

Há duas formas de conceber a surdez: patologicamente ou culturalmente. Geralmente ela é compreendida pela comunidade ouvinte, apenas no sentido patológico. Nesse caso o surdo é visto como alguém anormal, com uma deficiência física, um defeito que precisa ser corrigido, afim de que ele se enquadre nos padrões da normalidade. Esse pensamento desvenda uma gama de sentimentos quanto à percepção que a família tem do surdo.

Como a surdez não pode ser percebida assim se olha para a pessoa surda, é comum escutar dos ouvintes frases do tipo “quando olhamos pra ela parece uma pessoa normal”, “olhando não dá pra saber que ela é deficiente”. Frases como essas, só reforçam a ideia da anormalidade, do defeito e em nada do potencial que o surdo possui, que é equivalente ao do ouvinte, haja vista que não existe nenhuma relação entre a surdez e a deficiência intelectual.

#### **4.3.6 – Nós queremos ouvir sua voz na sociedade**

A família, em muitos casos, acredita que para a criança surda ter um futuro bem sucedido precisa fazer uso do aparelho auditivo. Espera-se que o aparelho seja

a cura que permitirá a aceitação do surdo na sociedade, ao mesmo tempo em que lhe proporcionará uma vida “normal”.

...eu espero que ele possa ouvir com o aparelho, possa falar bem explicado...

De forma geral a comunidade surda encara a surdez de maneira positiva, ou seja, compreende que não há limitações que os impeçam de participarem e atuarem na sociedade de igual forma aos ouvintes. Portanto espera-se que os familiares dos surdos também a compreendam dessa forma.

Nas entrevistas, é possível perceber uma transformação de pensamento quanto à surdez e a pessoa surda, saindo do sentido patológico e caminhando para o sentido cultural.

Por que tem muitas mães né, que escondem o filho da sociedade com vergonha porque a criança é surda, mais eu não. O que tiver sobre o surdo pra ele aprender e ele participar, ele tá lá...

Compreender que a surdez não é algo que precisa ser corrigido, e sim uma condição orgânica, que em nada afeta a cognição, as emoções e o comportamento daqueles que a possui, apresenta-se como um grande avanço. Quando a família encara a surdez como uma condição cultural, com suas particularidades que necessita do uso de uma língua própria, certamente esse é o primeiro passo para proporcionar o desenvolvimento global da criança. Tendo em vista que a participação e interação com a comunidade surda propiciará a construção da percepção e interpretação de mundo da maneira mais adequada, para a família e principalmente para o surdo, a sua própria identidade.

#### **4.4 – AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS**

Vygotsky entende que a linguagem não é somente uma forma de comunicação, é através dela que se estabelece o pensamento. Ele entende que a linguagem é tudo que envolve significação, estando presente no sujeito mesmo que ele não se comunique (In: GOLDFELD, 2002).

Segundo Bakhtin, a língua e a fala não podem ser pensadas separadamente, pois estão diretamente ligadas. Dessa forma, a linguagem desempenha uma papel de extrema importância na construção dos processos mentais, interferindo nos aspectos sociais.

Considerando que o atraso experimentado pelos surdos no que se refere a aquisição da linguagem lhe causam danos sociais, cognitivos e emocionais, destaca-se que a função da língua não é apenas comunicar, mas principalmente organizar o pensamento, sendo então de grande importância no processo do desenvolvimento global dos surdos.

#### **4.4.1 – Minhas mãos e minha cabeça estavam bloqueadas**

Pensar no processo de aquisição da Língua de Sinais significa pensar em uma forma peculiar de aprendizagem, que difere dos moldes convencionais de aprendizagem da língua. Por ser característica de uma comunidade minoritária, a Língua de Sinais não é bem compreendida pela sociedade.

A família quando se depara com a existência de uma pessoa surda em seu meio, precisa se adequar a sua forma de comunicação. É nesse processo de intercâmbio que a criança surda deverá fazer seus primeiros contatos com sua língua natural, de forma que é a família que deverá lhe conectar a esse universo dos sinais.

Por meio das entrevistas, percebem-se as dificuldades que as famílias têm enfrentado no contato com a LIBRAS. Quando questionadas sobre as principais dificuldades encontradas no aprendizado da LIBRAS, verifica-se que estas estão relacionadas à questões pessoais como: a memorização, a prática dos sinais, a falta de tempo para aprendizagem, e até a dificuldades relacionadas a flexibilidade das mãos.

Decorar na cabeça visse...

Eu acho difícil, do jeito que eu sou ruim de memória eu acho difícil pra mim, que eu num entendo logo não.

Difícil, muito difícil, é porque são muitos sinais e assim, tem sinais que é um sinal só para três coisas às vezes e como eu trabalho muito e não tenho tempo de estudar porque o professor diz assim: ah você não pode só ficar aqui tem que chegar em casa revisar, participar dos encontros de surdos, ir para o Shopping Tambiá e eu não tenho tempo pra isso, se eu tivesse seria mais fácil...

Eu acho difícil, pra mim eu acho difícil porque eu não tô diariamente né convivendo com esses negócios.

A prática né, porque agente só aprende...

Eu acho que é a mão, são as mãos, os dedos, ai os dedos que não são moles.

É importante destacar que mesmo com a existência de um surdo no convívio familiar, os parentes ainda consideram a prática uma dificuldade no processo de aprendizagem da LIBRAS. Colocações como as destacadas, revelam que a família ainda não possui uma conscientização quanto a sua responsabilidade em proporcionar ao surdo o contato primeiro com a Língua de Sinais, tendo em vista que a comunicação que estabelece no lar não é vista como uma prática constante dos sinais.

Eu não tenho não, até agora, não achei não visse, eu sou muito fácil de pegar, até porque agente tem um surdo em casa né?

Apenas na fala de uma mãe foi possível identificar a compreensão que a criança é o principal meio da prática da LIBRAS no contexto familiar. É no convívio com o surdo que seus parentes terão a possibilidade de por em prática os sinais aprendidos, de maneira que conseguirão desenvolver o domínio da LIBRAS, flexibilizando não só as mãos, mas principalmente a mente.

#### **4.4.2 – Ele me entende mais...**

As famílias participantes destacaram as dificuldades que enfrentam em entender seus filhos, justificado por meio das observações seguintes. Quando a família não se dedica ao aprendizado da LIBRAS, existirá uma lacuna na comunicação, o que levará a família entender as necessidades dos filhos de forma

fragmentada e superficial. Até mesmo na última fala, nota-se que o “entender o que a criança quer”, está diretamente relacionado as necessidades básicas e orgânicas, onde suas formas de expressão não passam de pura mímica e gestos habituais e estes nem sempre são considerados LIBRAS.

...nem tudo eu consigo entender.

...nem tudo, a maioria das coisas né, mas é meio complicado as vezes...

Tudo não...

Nem tudo visse, ainda tô...na caminhada.

Agora eu já tô achando dificuldade, porque ele já tá avançando, ele já tá avançando né?

Quase tudo.

Assim agente próximo a ele entende sabe, quando ele tá com uma dor agente entende, quando ele quer um comê, quer tomar água assim, essas coisas agente entende...

Acredita-se que o passo mais importante no processo de aquisição da Língua de Sinais por crianças surdas é a conscientização familiar, quanto ao aprendizado da língua.

Essa conscientização não traz somente benefícios para a pessoa surda. Quando a família entende que ela também precisa ser usuária da LIBRAS ela deixa de ser passiva culturalmente, na mediada em que torna-se bilíngue, ou seja, falante de duas línguas, dessa forma passam a ser pessoas ativas e atuantes na comunidade surda, se inserindo a ela sem barreiras linguísticas.

A lacuna encontrada na interação entre a família e a criança surda é justificável, apresentando sentidos que se destacam nas falas dos familiares

Ele entende quase tudo, ele entende...

Ele entende ele é mais esperto, ele é esperto demais, ele pega mais.

Ele me entende...

Entende, e quando não entende, ele é aquela criança que assim, percebeu que você não entendeu, você tem que entender de qualquer forma...

Entende, entende.

...ela não entende algumas coisas...

Ela entende boa parte, mais não tudo.

Quando questionadas se as crianças compreendem o que os familiares falam, as respostas quase sempre são positivas, demonstrando que a criança, na falta do uso da sua língua natural pela família, ela tende a se adaptar ao universo oralizado do ouvinte. Até mesmo quando as crianças não conseguem entender a fala do familiar em sua totalidade é notório que, existe um esforço por parte da criança na busca desse entendimento. Essa adaptação, não demonstra que é mais fácil para o surdo se enquadrar no contexto ouvinte, pelo contrário, significa dizer que o surdo tem o direito a se comunicar por meio de sua língua própria negada dentro do contexto familiar. Esse fator desencadeia-se numa série de privações para pessoa surda.

#### **4.4.3 – Eu aprendo com ele**

A família é a principal responsável em apresentar a Língua de Sinais à criança. Ante a essa responsabilidade tem a tarefa de se inteirar quanto ao universo da surdez, á sua cultura apreendendo sua língua.

...tem sinais que ele me ensina, aí eu fico sem entender...

Falas como a transcrita acima são constantes. Elas demonstram uma visão equivocada da família frente a sua responsabilidade. Diante disto, entende-se que ocorre uma inversão de papéis no concernente ao aprendizado da língua. Identifica-se que os familiares geralmente aprendem a LIBRAS depois que a criança tem acesso a ela, o que ocorreu em quase todos os casos entrevistados por meio da escola.

Quando a família já tem o diagnóstico da surdez em mãos, ela precisa buscar meios e estratégias que propiciarão o pleno desenvolvimento da pessoa surda. Sendo assim, é ela a responsável em apresentar a Língua de Sinais a criança, a fim

de promover um ambiente familiar socializador e sem barreiras linguísticas. O desafio da família é buscar instituições que lhes ofereçam os subsídios para o aprendizado da LIBRAS. Dessa forma, o acesso a informação é extremamente importante, já que é por meio dela que se chega às instituições.

#### **4.4.4 – Conhecendo onde eu posso aprender – Importância das instituições**

Aqui ainda eu não sei né, eu procurei a FUNAD...

Não, eu não sei não, só sei que tinha na Igreja Batista né...

Na escola tem né?

No Índio Piragibe.

Só sei que é na FUNAD assim né, mais encontra, o povo fala muito né e agora vai ter, tem na faculdade também né...

Eu só sei que é no Índio Piragibe, na FUNAD e na Igreja Batista, lá naquela grandona que sai lá na Epitácio, lá também oferece.

Sei, Funad, Índio, Igreja Batista, e outros lugares mais...a Igreja Testemunha de Jeová também, que agente já tá frequentando num salão lá de Mangabeira, já exatamente por ele, já pra ajudar, tamos procurando toda ajuda né? O que vim, é bem vindo.

Quando questionado se a família têm conhecimento dos lugares que oferecem cursos de LIBRAS dentro da cidade de João Pessoa, observa-se por meios das respostas obtidas que, todas demonstram conhecer as instituições, algumas e maior e outras e menor quantidade, apenas uma mãe diz não saber, justificada pelo fato de ter fixado residência na cidade a pouco tempo, porém até mesmo ela diz ter procurado a FUNAD por saber que esta é uma das principais responsáveis pelo ensino e difusão da LIBRAS no Brasil.

Percebe-se também que duas das mães demonstram ter um vasto conhecimento dos lugares onde são oferecidos os cursos para a comunidade ouvinte. Sendo assim, percebe-se que houve um maior interesse, por parte desses familiares, em buscar informações que os levassem até estas instituições. Na fala da última mãe observa-se a preocupação em participar dessas instituições, por compreender o quão importante é a aprendizagem da LIBRAS pela família do surdo



e sua interação com a comunidade surda, sendo esta aprendizagem um elemento fundamental no processo de desenvolvimento da criança.

Havendo a informação das instituições que oferecem o curso de LIBRAS para a comunidade ouvinte, cabe inteirar-se quanto à participação dos familiares dos surdos nestes locais.

Faço não, só faço tomar conta de menino...

Minha avó que cuida, de vez em quando ela começa a ir, porque é ela que cuida dele né, passa o dia todo com ele...

Comecei na FUNAD, aí eu parei porque tá tendo só pra profissionais né, para as mães não tem, aí eu fiz o curso de três meses no Índio Piragibe, faz uns dois anos.

Comecei o ano passado, mas como eu tô morando longe, aí eu...mas eu vou ver se eu consigo esse ano novamente, eu já tava até olhando que tá já a inscrição lá no Índio Piragibe...

Faço lá no Índio Piragibe.

Ele (pai) tá fazendo na escola (Índio Piragibe) e eu tô fazendo na Funad...

Quando questionado as famílias se elas frequentavam os cursos de LIBRAS as respostas foram variadas. Uma mãe falou que não fazia, demonstrando também nunca ter frequentado essas instituições, dando como justificando só tomar conta dos filhos. Uma irmã entrevistada disse não fazer o curso porque quem cuida da criança surda é a avó. Duas mães dizem ter frequentado cursos de LIBRAS, mas que pararam devido a distância e a falta de vagas nas instituições. Apenas duas mães disseram estar frequentando um curso.

Percebe-se, que na grande maioria das famílias entrevistadas ainda não há o entendimento quanto à importância do aprendizado da Língua de Sinais por parte dos familiares. Não existe uma priorização desse aprendizado. É comum encontrar famílias de surdos que sequer tem conhecimento do que é a LIBRAS, qual é a sua utilidade e importância na vida da pessoa surda. Esse fato se dá porque ainda existe a cultura da priorização da língua oral, mesmo por famílias de surdos, que não tem muito esclarecido que são eles os principais responsáveis em difundir a LIBRAS para seus entes surdos.

Em apenas duas das famílias entrevistadas observa-se a assiduidade nas instituições e nos cursos de LIBRAS. Cabe ressaltar que em um dos casos não é apenas um membro que frequenta o curso, mas sim o pai e a mãe. Quando isso acontece, é mais provável que a criança surda consiga interagir com o meio sem grandes dificuldades, devido ao fato de que dentro da sua casa há uma boa interação, já que todos os membros fazem o uso da Língua de Sinais. Situações como essas não são tão comuns.

É comum encontrar famílias onde existem surdos e apenas um parente faz um curso ou tem conhecimento e faz uso da LIBRAS. Quando apenas um membro da família faz uso da LIBRAS a pessoa surda só consegue se comunicar plenamente com esse parente, o que impede que ele possa estabelecer uma boa interação com os demais membros, o principal problema que há nessa comunicação fragmentada dentro do próprio lar, se refere ao desrespeito com o surdo quanto a utilização da sua língua natural.

Cabe destacar que não é somente nas instituições formais que os familiares dos surdos poderão encontrar apoio e subsídios para o aprendizado da LIBRAS.

...ela (irmã) tem mais comunicação com surdo, ela pega o ônibus e vai para integração encontra os surdos, ela conversa, ela vai pra o Shopping Tambiá, aí fica mais fácil...

Existem diversos locais onde o uso LIBRAS é feito com frequência. Esses espaços não formais se configuram como importantíssimos, já que são neles que se encontram os surdos, fazendo uso de sua língua de maneira natural, são nesses espaços que os surdos discutem a cerca de assuntos do cotidiano, comuns a vida de qualquer pessoas. Quando os familiares fazem parte desse universo surdo o aprendizado da LIBRAS geralmente ocorre de forma espontânea, e a fluência da língua se dá de maneira natural. Dessa forma, entende-se que participar dos espaços que os surdos costumam frequentar também faz parte do processo de aprendizado da LIBRAS por parte da família, mas que isso, apresenta como uma verdadeira forma de participação da comunidade e cultura surda.

#### **4.4.5 – Respeitando o outro**

A família enquanto primeira instituição social é a principal responsável por permitir a socialização de crianças surdas, e essa socialização deve ser feita por meio de sua língua natural.

É fato que para a família aprender uma nova língua, quando já se está adaptada com a língua oral, não se configura como sendo uma tarefa fácil e sem grandes desafios, muito pelo contrário, as dificuldades são inúmeras. Desde a aceitação e entendimento do que é a surdez, quanto à informação do que é preciso ser feito para que o seu filho surdo possa de fato fazer parte da sociedade de forma efetiva e participativa, sem prejuízos e desvantagens com relação aos ouvintes a família passará por momentos de angústias e desânimo, mas é importante ressaltar que tudo isso valerá a pena e é necessário, pois não se trata de um favor que se faz ao surdo em aprender a sua língua, mas é uma questão de direito, de humanidade e respeito ao próximo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir como as famílias vêm contribuindo no aprendizado e aquisição da Língua de Sinais das crianças surdas não é suficiente para revelar as reais dificuldades que este desafio apresenta, porém, permite uma breve e leve contextualização do mesmo. É no convívio com essas famílias que se percebe e pode sentir, mesmo que não em sua totalidade e complexidade, os sentimentos vivenciados por elas junto a seus filhos.

Observa-se que o impacto do nascimento de uma criança surda, mesmo que a surdez seja descoberta tardiamente traz a família sentimentos talvez antes nunca experimentados. O primeiro passo diz respeito a aceitar que a criança precisa de acolhimento e amparo adequado, isto requer dessas famílias, sair da zona de conforto comunicativa. A língua é a principal barreira entre a criança e a família, e a aprendizagem da Língua de Sinais a maior função delegada a ela.

Na busca por caminhos que favoreçam o desenvolvimento das crianças a família tende a experimentar e estabelecer diversas formas de comunicação, estas quase sempre estão associadas à oralização. A princípio não é notória a priorização da Língua de Sinais, que geralmente só começa a ser utilizada a partir do contato com a escola. É neste contato que a família começa a despertar para a necessidade de também aprenderem a LIBRAS, haja vista que a criança passa a utilizar de maneira fluente a Língua Natural de sua comunidade.

Entende-se que a família, que é constituída por ouvintes, sempre teve contato com a língua oral, sendo então a Língua de Sinais algo distante a sua realidade e contexto social se tornando compreensível as dificuldades encontradas em sua aprendizagem, porém não é aceitável a omissão em apreende - lá. O fato é que, por vezes, inúmeras são as desculpas utilizadas pelas famílias, a fim de justificar a não contribuição neste processo. As famílias ainda não têm de forma clara a compreensão de que o contato e o aprendizado da LIBRAS é um direito da pessoa surda, de maneira que dentro deste cenário este direito tem sido negado.

Observa-se que o contato e aprendizado tardio da LIBRAS por parte dos familiares, traz problemas para a vida da criança. Quando o uso da Língua de Sinais não se faz presente no seio familiar, mas é utilizado em outras instituições sociais, a

criança encontra dificuldades em construir sua identidade cultural pelo fato de haver uma transição nas formas de comunicação. Essa transição não facilita a interação da criança com o mundo, muito pelo contrário, ela só tende a limitar na medida em que bloqueia a criança no aprendizado efetivo de sua língua de forma que esta não é utilizada dentro da primeira e principal instituição social.

A pessoa surda deve ser direcionada a aprender a sua língua e isso o mais precocemente possível. A LIBRAS quando aprendida e utilizada, tanto pela família quanto pela criança, facilita o desenvolvimento da pessoa surda, permitindo-lhe participar e interagir de forma igualitária e autônoma em sociedade, fazendo valer a sua cidadania. Entendido este importante papel que o aprendizado da Língua de Sinais assume, a plena comunicação entre surdos e ouvintes poderá acontecer sem problemas.

Na cidade de João Pessoa a comunidade surda tem crescido e tem saído do anonimato ganhando espaço na sociedade, fazendo valer a sua voz. Dessa forma também tem crescido o número de instituições habilitadas e direcionadas ao ensino da LIBRAS, bem como os espaços não formais onde o uso e o aprendizado da LIBRAS acontece de forma espontânea e natural, neste sentido a família cada vez mais tende a estar inserida nesta comunidade e isto só pode acontecer plenamente por meio dessa língua. Contudo, ainda há percursos a trilhar para que o surdo venha ser tratado com igualdade e respeito, e é na família que essa transformação precisa começar.

Sabe-se que este estudo não demonstra de maneira completa os desafios vivenciados pelos familiares e pelos surdos na luta pelo seu desenvolvimento e direitos. Este buscou de forma sucinta investigar, ilustrar e analisar os sentimentos expressados por algumas famílias no que se refere ao aprendizado da Língua de Sinais, entendida como a Língua Materna da pessoa surda e principal meio de comunicação entre surdos e ouvintes, sendo este feito a luz da teoria sócio-interacionista.

Propõe-se para estudos futuros uma investigação mais aprofundada a respeito dos sentimentos expressados e vivenciados pela comunidade surda de João Pessoa, já que este não foi o foco desta pesquisa. Ainda considera-se importante uma análise a fim de traçar o perfil desta comunidade, bem como seus desafios lutas e conquistas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. **A criança deficiente e a aceitação da família**. RJ: Nova Era, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria E.G.G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBIZET, J.; DUIZABO, P. **Manual de neuropsicologia**. Porto Alegre: Masson, 1985.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. (2010). **Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 10.436 de 24 de abr. de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências**. DF, 2002.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Lei nº 8.742, de 7 de dez. de 1993. **Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências**. DF, 1993.

\_\_\_\_\_. Presidência da Republica. Lei nº 12.303, de 2 de ago. de 2010. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de realização do exame denominado Emissões Otoacústicas Evocadas**. DF: Casa Civil, 2010.

BRITO, A. M. W.; DESSEN, M. A. **Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral**. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 429-445, 1999.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Tradução de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Reposo. 2. Ed. Coimbra: Armênio Amado. 1978.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Tradução Lúcia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CBPAI – Comitê Brasileiro sobre Perdas Auditivas na Infância. **Recomendação 01/99 do Comitê Brasileiro sobre Perdas Auditivas na Infância.** Jornal do Conselho Federal de Fonoaudiologia. 2000; 3-7.

DE PAULA, L.S. B. **A Linguagem e a Surdez.** Revista Espaço (Instituto Nacional de Educação de Surdos), Rio de Janeiro, n. 20, p. 13-19, Dez. 2003.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.  
GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda: Linguagem e Cognição Numa Perspectiva Sócio-Interacionista.** São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GOMES, A. M. **Peculiaridades do Desenvolvimento Cognitivo da Criança Surda.** Fórum Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, v. 11, (jan/jun), p. 27-33, 2005.

GOMES, H. G. Educação para família: uma proposta de trabalho preventivo. **Rev. Bras. Cres. Des. Hum.** São Paulo, v. 4, n. 5, p. 34-35, 1994

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa e Subjetiva e Subjetividade:** os processos de construção da informação. Tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUARINELLO, A. C. A influência da família no contexto dos filhos surdos. **J. Bras. Fonoaudiologia.** Curitiba, v. 3, p. 28-33, 2000.

KNOBEL, M. **Orientação familiar.** Campinas, SP: Papirus, 1992.

LENNEBERG, Erick. **Fundamentos biológicos da linguagem.** Madrid: Alianza Editorial, 1967.

MARCONI, M.A., LAKATOS, E.M. **Fundamentos da Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MORATO, E. M. **“Linguagem, cultura e cognição: contribuições dos estudos neurolinguísticos”.** *Texto apresentado no encontro sobre Teoria e Pesquisa em Ensino de Ciências.* Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

NOGUEIRA, M. Reflexões sobre um projeto piloto de educação com bilinguismo na pré-escola de surdos. **Revista Espaço**: informativo técnico-científico do INES. Rio de Janeiro, v.9 n.93, p.8-23, jun/1998.

Portal do Surdo. **Alfabeto manual do surdo**. Disponível em: <[http://www.portaldosurdo.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=216&Itemid=272](http://www.portaldosurdo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=216&Itemid=272)> Acesso em 16 abr.2013.

QUADROS, R. M. **Alfabetização e ensino da Língua de Sinais**. Textura, Canoas, n.3, 2000.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1997.

ROJAS SORIANO, Raúl. **Manual de pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAMPAIO, Maria Janaina Alencar. **A construção de textos na escrita de surdos**: estratégias do sujeito na transição entre sistemas linguísticos. Dissertação (Mestrado). 2007. p.185. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem**: Aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo, Plexus: 2007

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SPINASSÉ, K. P. *Os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil*. In: **Revista contingência**, V. 1, N. 1, Nov. 2006.

STROBEL, Karin Lílian. A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. In: **Dossiê Grupo de Estudos e Subjetividades**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, p. 245-254, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.



VIGOTSKY, Lev S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

## ANEXOS

### ➤ Questionário Sócio-Demográfico e Roteiro de Entrevista

#### I – Dados Sócio-Demográficos

##### I.1 – DADOS DOS PAIS

Mãe surda	Pai surdo	Mãe ouvinte	Pai ouvinte

- 1 – Idade: \_\_\_\_\_  
 2 – Naturalidade: \_\_\_\_\_  
 3 – Bairro: \_\_\_\_\_  
 4 – Sexo: ( ) F ( ) M  
 5 – Religião: \_\_\_\_\_  
 6 – Escolaridade:

Grau de Instrução	Concluído	Incompleto	Cursando
Sem escolarização			
Fundamental I			
Fundamental II			
Médio			
Profissionalizante			
Superior			
Especialização			
Mestrado			
Doutorado			
Pós-Doutorado			

- 7 – Estado civil:

Solteiro	
Casado	
Separado/Divorciado	
Viúvo	
União estável	

- 8 – Número de filhos: \_\_\_\_\_  
 9 – Quantas pessoas surdas em casa: \_\_\_\_\_  
 10 – Quantas pessoas surdas na família: \_\_\_\_\_  
 11 – Renda familiar:

Um salário mínimo	
Dois salários mínimos	
Três salários mínimos	
Mais de quatro salários mínimos	

## I.II – DADOS DA CRIANÇA SURDA

- 1 – Idade: \_\_\_\_\_  
 2 – Naturalidade: \_\_\_\_\_  
 3 – Sexo: ( ) F ( ) M  
 4 – Escolaridade:

<b>Grau de Instrução</b>	<b>Concluído</b>	<b>Incompleto</b>	<b>Cursando</b>
Sem escolarização			
Fundamental I			
Fundamental II			

## II – ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1º – Como você descobriu que seu filho(a) é surdo(a)?  
 2º – Quantos anos seu(a) filho(a) tinha quando você descobriu que ele(a) era surdo(a)?  
 3º - Como você fala/conversa com seu(a) filho(a)?  
 4º - Você entende o que seu filho fala? E ele entende o que você fala?  
 5º - Qual foi a língua que seu(a) filho(a) aprendeu?  
 6º - Com qual idade seu(a) filho(a) começou usar LIBRAS?  
 7º - Você usa outro tipo de comunicação com seu filho? Qual?

8º - Você faz algum curso de LIBRAS? Onde?

9º - (Caso não Faça) O que dificulta seu acesso a um curso de LIBRAS?

10º - Você acha a Língua de Sinais fácil ou difícil de aprender?

12º - Qual a sua maior dificuldade para aprender da Língua de Sinais?

13º - Você sabe onde são oferecidos cursos LIBRAS?

14º - Você considera que a aquisição da Língua de Sinais melhora a comunicação entre a família e a criança surda?

15º - Depois da LIBRAS seu filho melhorou na escola? E em casa?

16º - Em sua opinião, a forma de comunicação que você utiliza com seu(a) filho(a) é a mais adequada? Por quê?